



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E
DESENVOLVIMENTO LOCAL – POSMEX**

GISELE BAZZO PICCIRILLI

**A HOMEOPATIA NO MEIO RURAL: UMA POSSIBILIDADE PARA
AGRICULTORES (AS) E EXTENSIONISTAS RURAIS NA TRANSIÇÃO
AGROECOLÓGICA**

**RECIFE
2015**

GISELE BAZZO PICCIRILLI

**A HOMEOPATIA NO MEIO RURAL: UMA POSSIBILIDADE PARA
AGRICULTORES (AS) E EXTENSIONISTAS RURAIS NA TRANSIÇÃO
AGROECOLÓGICA**

Dissertação apresentada como exigência final do Curso de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, área de concentração de Extensão Rural para o Desenvolvimento Local.

Orientador: Profº Drº Paulo de Jesus

**RECIFE
2015**

GISELE BAZZO PICCIRILLI

**A HOMEOPATIA NO MEIO RURAL: UMA POSSIBILIDADE PARA
AGRICULTORES (AS) E EXTENSIONISTAS RURAIS NA TRANSIÇÃO
AGROECOLÓGICA**

Dissertação apresentada como exigência final do curso de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, área de concentração de Extensão Rural para o Desenvolvimento Local.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: _____

Orientador: Dr. Paulo de Jesus
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Membros: _____

Profa. Dra. Irenilda de Souza Lima
.Examinador |Interno

Profa. Dra. Maria Cristina de Oliveira Cardoso Coelho
Examinador Externo

Dedico esse trabalho a todos aqueles e aquelas que vêm trabalhando para a construção de um mundo harmonioso e sincero onde as relações são horizontais, interdependentes e transparentes. Onde os diferentes povos possam ocupar e produzir sem amarras e vivenciar suas próprias culturas. Dedico também a minha mãe, Catariana Izabel que sempre esteve ao meu lado mesmo que minhas decisões não fossem de encontro as suas.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho teve o apoio de diversas pessoas as quais gostaria de agradecer.

A CAPES que concedeu a bolsa de estudos.

Ao professor **Paulo de Jesus** que mesmo acompanhando minha jornada tardiamente povoou meu coração de humanidade e sensibilidade.

Aos **agricultores e agricultoras experimentadores** os quais participaram de minha formação e me deram o chão para seguir a caminhada de aprendiz e de educanda.

Ao professor **Casali** que mesmo de longe pode me conceder atenção e aprendizagem.

Aos **agricultores e agricultoras xukurus** que com sua simplicidade e sabedoria significaram minha pesquisa.

Ao **Centro Sabiá e CAATINGA** que compartilharam suas visões de mundo.

A professora **Irenilda Lima** que acompanhou e se preocupou com minha formação acadêmica e me ajudou a seguir adiante.

As minhas amigas orientadoras **Livia Froes e Janayna Cavalcante**.

Ao meu companheiro **Lula Marcondes** pela sua paciência e dedicação.

A mais nova riqueza da minha vida, minha filha **Maya**, com quem estou aprendendo a vivenciar os deleites da missão de ser mãe.

A todos (as) **colegas de curso** que cada um do seu jeito contribuiu para a minha formação. E também por compartilharmos as angústias do ser mestrando.

A todos e a todas que acreditaram na minha pesquisa e principalmente aqueles que não acreditaram, pois foram eles que me impulsionaram a voar.

A HOMEOPATIA NO MEIO RURAL: UMA POSSIBILIDADE PARA AGRICULTORES (AS) E EXTENSIONISTAS RURAIS NA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA

RESUMO

Nessa pesquisa é analisada a questão sobre a possibilidade da homeopatia no meio rural contribuir nos processos de transição agroecológica em Pernambuco. As questões-síntese do problema de pesquisa que se buscou responder, pois, foram: como extensionistas e agricultores (as) que dialogam com a agroecologia e que estão lidando na prática com processos materialmente construídos veem a Homeopatia? Como concebem sua aplicação na agricultura? Para a análise adotou-se uma abordagem qualitativa partindo do pressuposto de que os participantes em contato com a homeopatia em uma oficina teórico prática pudessem dialogar a respeito da problemática da pesquisa. No levantamento bibliográfico e documental, foram exibidos pensamentos de autores que traçaram uma crítica a respeito da crise sócio ambiental, como Paul E. Little e Amyra El Khalili; também foi dissertado sobre a Agroecologia, entendida como um caminho para uma agricultura mais sustentável; sobre a ciência homeopatia e sua aplicação na agricultura considerando autores como Vicente Casali e Fernanda Andrade que defendem o uso da homeopatia no meio rural (HMR) para a transição agroecológica. Na pesquisa, de caráter exploratório, compilaram-se experiências consolidadas de homeopatia no meio rural no Brasil e no mundo. O estudo mostrou que a homeopatia é uma possibilidade para a transição agroecológica para os extensionistas e agricultores participantes, embora se considere que o conhecimento sobre HMR demonstrado pelos participantes evidenciou-se frágil. Daí a indicação da necessidade de esforços continuados, seja na formação, seja na efetiva utilização da HMR no dia a dia dos extensionistas e agricultores (as), por exemplo, do estado de Pernambuco.

Palavras Chave: Ciência Homeopática, Princípio Vital, Nosódio, Prática Agroecológica

HOMEOPATHY NO MEIO RURAL: A POSSIBILITY FOR FARMERS AND RURAL WORKERS IN TRANSITION TO AGROECOLOGY

ABSTRACT

This research analyzes if the use of homeopathy in rural areas can contribute to agro ecological transition processes in the state of Pernambuco. Therefore, the research questions to be answered are the following: How do technicians and farmers who practice agro ecology see homeopathy? How do they conceive its application in agriculture? The analysis' qualitative approach was based on the assumption that a group of homeopathy workshop participants would be able to dialogue about the main questions of this research. During the research survey (bibliographical and documental), the thoughts of some important authors on the theme of social environmental crisis such as Paul E. Little and Amyra El Khalili were brought to discussion. It also discussed about agro ecology understood as a pathway to a more sustainable agriculture and about the homeopathy science and its application in agriculture referring to authors such as Vincent Casali and Fernanda Andrade who advocate for the use of Homeopathy in Rural Areas for the agro ecological transition. The research, which has an exploratory feature, is concerned to compile consolidated experiences on homeopathy in rural areas in Brazil and worldwide. This study showed that homeopathy is a possibility for the agro ecological transition to technicians and farmers who have participated in this study. Although the knowledge about Homeopathy in Rural Areas by the workshop participants been revealed as weak. Hence the indication of the need for continued efforts, whether in training or in an effort to an effective use of Homeopathy in Rural Areas in a daily basis by the extension workers and farmers in the state of Pernambuco.

Keywords: Science Homeopatia, Vital Principle, Nosódio, Agroecological Practic

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 01 - Hierarquia dos três níveis básicos do ser humano.....	41
Quadro 01 - Princípios do Programa Rockfeller.....	23
Quadro 02 - Diferenças e semelhanças entre Homeopatia e fitoterapia.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA - Articulação Nacional de Agroecologia

ANCAR-PE - Associação Nordeste de Crédito e Assistência Rural Pernambuco

ASA - Articulação do Semiárido Brasileiro

ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural

CAATINGA - Centro de Assessoria e Apoio aos trabalhadores e Instituições Não-Governamentais

Centro Sabiá – Centro de Desenvolvimento Agroecológico

CNAS - Assistência Social pelo Conselho Nacional de Assistência Social

CONDRAF - Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável

CTA-O - Centro de Tecnologias Alternativas de Ouricuri

DS - desenvolvimento sustentável

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Rural

EMBRATER - Empresa Brasileira de Assistência Técnica

EMATER-MA - Empresa de Assistência Técnica e Rural Maranhão

EMATER-RS - Empresa de Assistência Técnica e Rural Rio Grande do Sul

ETA - Escritório Técnico de Agricultura

HMR- Homeopatia no meio rural

IPA - Instituto Pesquisa Agrônomo

MST- Movimento Sem Terra

ONG – Organização não governamental

RA - Reforma Agrária

Rede /Ater/NE – Rede de Assessoria Técnica e Extensão Rural do Nordeste

TA- Transição Agroecológica

TI - Terra Indígena

PNATER- Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural

RV - Revolução Verde

SUMARIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
1.1.	PROCESSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	16
1.1.1.	ATORES ENVOLVIDOS.....	18
2.	OS NOVOS RUMOS PARA O DESENVOLVIMENTO	20
2.1.	A CRISE SOCIOAMBIENTAL E PARADIGMA DA AGRICULTURA BRASILEIRA.....	20
2.1.1.	A REVOLUÇÃO VERDE E A EXTENSÃO RURAL.....	22
2.1.2.	OS NOVOS RUMOS NA ECONOMIA E NA AGRICULTURA.....	25
2.2.	A AGROECOLOGIA: O NOVO PARADIGMA.....	28
2.2.1.	A RIGEM.....	28
2.2.2.	A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA.....	29
2.2.3.	AGROECOLOGIA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	31
3.	HOMEOPATIA: DA CIÊNCIA A AGRICULTURA....	33
3.1.	ORIGEM E LEIS QUE REGEM A CIÊNCIA HOMEOPÁTICA.....	33
3.1.1.	O TRATAMENTO HOMEOPÁTICO.....	38
3.2.	A DESCOBERTA DA HOMEOPATIA EM PERNAMBUCO.....	41
3.3.	A HOMEOPATIA NO MEIO RURAL	42
3.3.1	EXPERIÊNCIAS CONSOLIDADAS EM HOMEOPATIA NO MEIO RURAL.....	44
3.3.1.1	EXPERIÊNCIAS CONSOLIDADAS EM HOMEOPATIA NO MEIO RURAL NO BRASIL E NO MUNDO.....	45
3.3.1.2.	EXPERIÊNCIAS CONSOLIDADAS EM HOMEOPATIA NO MEIO RURAL EM PERNAMBUCO.....	47
4.	HOMEOPATIA PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA UM EXERCÍCIO DE ESCUTA.....	49
4.1.	FITOTERAPIA X HOMEOPATIA.....	50
4.2.	O CENÁRIO DA AFRICULTURA E A PROJEÇÃO FUTURA.....	53
4.3.	A UTILIZAÇÃO DA HOMEOPATIA NO MEIO RURAL E NO CONTEXTO DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA.....	55
	CONCLUSÃO	62
	REFERÊNCIAS.....	66
	APÊNDICES.....	70

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de pesquisas e estudos a que venho me dedicando durante minha vivência profissional, como extensionista rural e homeopata, tendo produzido a atual sistematização, sob a forma de dissertação, no contexto do Curso de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Desde o início de minha inserção na área agrária, movida pelo forte desejo de contribuir para a melhoria de vida das famílias do campo e de suas práticas agrícolas, caminhei no sentido de aprimoramento constante. O amadurecimento profissional trouxe à tona a insatisfação com os limites da ação extensionista e das tecnologias utilizadas no campo. Minha inserção no movimento agroecológico desde a graduação vislumbrava a possibilidade de ampliar os horizontes de conhecimentos e ações no campo, em um novo paradigma. Morei seis anos na “roça” como dizem os mineirinhos de Minas Gerais, quando pude vivenciar várias práticas de manejo, inclusive a Homeopatia. Também tive a satisfação de conviver com agricultores e agricultoras que estavam em transição agroecológica há mais de 15 anos o que resignificou meu olhar sobre o campo. Recentemente, já vivendo no nordeste atuei na Articulação do Semiárido - ASA que me possibilitou andar um pouco por esse mundão cheio de especificidades como é o semiárido nordestino.

Minha busca sempre esteve voltada para tecnologias sociais que facilitasse a vida das pessoas sem depender dinheiro, artigo de luxo para quem vive da terra. A capacitação no método homeopático realmente proporcionou minha realização profissional, gratificada pelo pouco uso de recursos naturais e os bons resultados na conservação dos solos, água e na produção. Experiências positivas despertaram a vontade de ampliar a discussão sobre o uso da Homeopatia e esse passou a ser um objetivo de vida. Morando em um lugar onde os recursos são escassos e o acesso a informação é difusa, o desafio é imenso, entretanto, o primeiro passo tem que ser dado.

Primeiramente procurei experiências com o uso da Homeopatia na Universidade Federal Rural de Pernambuco onde encontrei o uso da fitoterapia e acupuntura em animais. Algumas organizações governamentais que trabalham a agroecologia também apresentaram experiências com fitoterapia em animais.

Ao me deparar com a desinformação, desconhecimento e preconceitos relacionados à minha especialização, um novo questionamento emergiu: Como será que os extensionistas, profissionais que tem a missão de buscar alternativas para o convívio no campo, veem a Homeopatia. Será que há uma abertura para se entender o olhar do

homeopata para o agroecossistema? Será que seria visto como mais uma tecnologia ou uma forma de se ver o mundo? Será que concebem a Homeopatia no meio rural como uma prática para a transição agroecológica?

De certo, se não tiveram acesso a informação, universidade e extensionistas, a forma encontrada de se fazer essas perguntas e obter respostas consistentes seria primeiramente socializar o conteúdo. Em tão pouco tempo seria impossível consolidar uma experiência, assim, no presente estudo se fez primeiramente uma pesquisa na literatura sobre o que veio a ser o ponto de partida para o pensamento agroecológico, a crise socioambiental. Entendendo a crise foi possível fazer uma discussão sobre a agroecologia e sobre o potencial do uso da Homeopatia no meio rural. A pesquisa de campo foi desenvolvida a partir de oficinas com extensionistas com posterior entrevista semiestruturada.

A ideia inicial desse estudo de dialogar com extensionistas sobre a Homeopatia foi por entender que são os profissionais que estão a frente no processo de assistir e possibilitar a permanência dessas famílias no campo de forma digna, autônoma e economicamente viável. Entretanto, no processo de articulação com organizações, governo e outras entidades para conceber o possível universo de estudo, fui abençoada com a participação de agricultores (as) indígenas, o que de fato enriqueceu a pesquisa.

A preocupação do estudo sempre foi de não ser entendido como uma simples difusão de tecnologia. Principalmente porque a Homeopatia, no caso de sua aplicação à agricultura, é uma prática para o manejo agroecológico, mas também uma ciência intuitiva que necessita de sensibilidade e uma relação próxima e a favor da natureza. Uma prática que vai ao encontro com a sabedoria que possui em cada local, cada organismo. Necessita de um diálogo diferenciado e a busca por novas formas de olhar e interferir em um agroecossistema e principalmente com a família agricultora. Por isso que a Homeopatia está tão próxima da agroecologia que tem por princípio um olhar holístico e sistêmico. Dessa forma, problematizando a questão, isto é, como extensionistas e agricultores (as) que dialogam com a agroecologia e que estão lidando na prática com processos materialmente construídos veem a Homeopatia? Como concebem sua aplicação na agricultura?

Tendo tais questões como síntese do problema de pesquisa, meus objetivos foram:

- a) Caracterizar a homeopática como um recurso que pode favorecer o desenvolvimento da agricultura num contexto de transição agroecológica;

b) Analisar depoimentos de extensionistas e agricultores em torno da utilização da homeopatia no meio rural em transição agroecológica.

Para alcançar os objetivos da pesquisa foram elaborados alguns objetivos específicos:

a) Entender qual a percepção dos atores envolvidos sobre a prática da Homeopatia;

b) Identificar se há uma distinção da Homeopatia e de outras práticas de manejo sustentável;

c) Perceber se há a compreensão de um processo de mudança do fazer agricultura

d) Compreender se há uma relação entre a Homeopatia e esse processo de mudança.

Embora existam inúmeros benefícios para o meio ambiente, comprovados por trabalhos científicos e em experimentações *in loco*, no Brasil e no mundo, a Homeopatia tem tido atenção insuficiente por parte da comunidade acadêmica brasileira, sendo pouco ministrada nas matrizes curriculares das ciências agrárias e nas escolas agrícolas. Não se torna foco do estudo em questão quantificar e qualificar essa demanda, no entanto, torna-se importante colocar que a possível popularização da Homeopatia poderia resignificar as pesquisas agrárias e a atuação do extensionista. Possivelmente pelo fato da Ciência Homeopática articular os saberes de outras áreas, como a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia e as Ciências Naturais, complexificando o que está separado, devolvendo ao homem o *status* de membro da natureza e legitimando a sua cidadania (NECHAR, 2009).

Nas relações extensionista-agricultora e terapeuta-paciente, das quais faço parte, e na trajetória da experiência acumulada com a prática do uso da Homeopatia, percebi que socializar a Homeopatia no meio rural requer uma comunicação direta e experimental com as pessoas do universo agrário. Neste contexto minha pesquisa, teórico-prática de caráter exploratória, foi desenvolvida emergida também no contexto dos atores, em suas entidades, durante espaços de formação e no meio rural. A pesquisa teórica foi realizada em fontes secundárias nas obras do criador da Homeopatia, Samuel Hahnemann, e nas obras do autor Stephen R. Gliessman. Utilizei também textos de pesquisadores da Teoria Homeopática e da Homeopatia no meio rural bem como da

transição agroecológica, respectivamente como Vitoulkas Casali, Andrade, Altieri, e outros.

Desenvolvi alguns instrumentos de pesquisa para oficinas e entrevistas, na realização de um trabalho de campo, envolvendo técnicos (as) e agricultores (as). Nessas oficinas tive como objetivo estabelecer relações entre a Homeopatia e outras práticas de manejo em uma tentativa de facilitar a compreensão dessa ciência. Foi necessário buscar analogias e vivências concretas dos atores envolvidos e principalmente povoar seus imaginários. Para atingir meus objetivos nessa pesquisa, dividi o trabalho em três capítulos. Primeiramente, na introdução, foram apresentados os objetivos e os procedimentos metodológicos. A fim de discutir sobre novas formas de se fazer agricultura e de se relacionar com o meio, senti a necessidade, no primeiro capítulo, de dissertar sobre a crise socioambiental que a meu ver é o cerne para novos rumos e paradigmas na sociedade e na agricultura. Ainda nesse capítulo discuti sobre os novos rumos da economia e sobre o novo paradigma do fazer agricultura, a agroecologia. O estudo seguiu nesse sentido porque entendo que o uso da Homeopatia no meio rural é possível a partir de um enfoque holístico do meio rural o qual vem acontecendo de fato a partir do uso dos princípios e práticas agroecológicas. No segundo capítulo, o objetivo foi discorrer sobre a origem da Homeopatia e as leis que a regem, o tratamento e alguns entendimentos intrínsecos dessa ciência que possui um modo particular do pensar e reagir. Coube, nesse capítulo, dissertar sobre esta ciência sendo admitida como uma prática agrícola, e ainda, uma compilação de experiências na agricultura no mundo, no Brasil e em Pernambuco que é o lócus da presente pesquisa. Nesse capítulo também busquei conceber a Homeopatia como uma ferramenta para a transição agroecológica. No terceiro capítulo coube a análise e discussão da pesquisa. Como foi utilizada entrevista semiestrutura, os dados pertinentes a pesquisa, foram agrupados em temas os quais foram mantidos no texto para melhor entendimento. Optou-se por ilustrar a análise com trechos de falas dos participantes as quais não foram editadas. Na conclusão foi discorrido sobre os resultados da pesquisa e as impressões da autora. Nos anexos contém o material metodológico elaborado para a pesquisa, e fotos das oficinas.

1.1. Procedimento Metodológico da Pesquisa

Nesse tópico pretende-se discorrer, mais detalhadamente, sobre o caminho percorrido, as técnicas escolhidas e utilizadas para a busca das respostas as indagações orientadoras da pesquisa. Cabe, ainda, uma breve descrição das entidades participantes e a localização de atuação.

A técnica utilizada na pesquisa de campo aproxima-se do grupo focal. Morgan, 1997, define grupo focal como uma técnica de coleta de dados por meio de interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Como técnica ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizado também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (GONDIM, 2003).

Nesse sentido foi realizada uma oficina teórico-prática sobre o uso da Homeopatia no meio rural. Embora a oficina tenha trazido um conhecimento novo para a maioria dos participantes, a abordagem compreensiva enfatizou o papel ativo do indivíduo na descoberta do conhecimento e incluiu aspectos cognitivos e afetivos no processo de construção do conhecimento.

Os participantes com o imaginário povoado foi possível discutir sobre o tema e em seguida realizar uma entrevista individual semiestruturada. A escolha pela entrevista semiestruturada se deu para que os participantes tivessem mais liberdade para relatar o entendimento relacionado a homeopatia mas também as possíveis relações da ciência com a experiência e entendimento de mundo do entrevistado.

Manzini defini entrevista semiestruturada como:

a entrevista que está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas as entrevistas. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas construção das percepções, atitudes e representações sociais (MANZINI, (90/91, p. 154).

Por fim, a oficina e a entrevista deram suporte para uma análise a respeito do problema desta pesquisa, que pode ser resumido nas seguintes questões: como extensionistas e agricultores (as) que dialogam com a agroecologia e que estão

lidando na prática com processos materialmente construídos veem a Homeopatia?
Como concebem sua aplicação na agricultura?

A pesquisa de campo consistiu primeiramente na busca das entidades participantes, organizações não governamentais e governamentais que trabalham a partir dos princípios da agroecologia. As entidades foram mapeadas e contatadas a partir de maio de 2013. A estratégia foi dialogar com setor de educação das entidades. O Instituto Pesquisa Agrônômico - IPA e o Movimento Sem Terra - MST não apresentaram interesse em participar da pesquisa.

No primeiro contato foi enviado por email um material contendo o dossiê introdutório do conteúdo para que cada responsável da entidade distribuísse aos participantes. Juntamente com o dossiê foi enviado o plano da oficina. Para as entidades que se interessaram em participar da pesquisa, o Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não governamentais – CAATINGA, Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e os Agricultores do Povo Xukuru, seguiu-se a segunda etapa de realização da oficina que variou de 6 a 8 hs de duração a depender da disponibilidade dos participantes. A oficina deveria conter no mínimo 06 participantes. Após a oficina foram realizadas entrevistas individuais.

A oficina foi construída com diferentes linguagens respeitando as diversas formas de aprendizagem. E principalmente o cuidado com os participantes de se reconhecerem como sujeitos que agem transformando a realidade. De acordo com Freire, 1977, no livro *Comunicação e Extensão o conhecimento exige “uma presença curiosa do sujeito em face do mundo”*. Outro aprendizado trazido por Freire, 1997, para “o fazer” comunicação ou extensão que se tentou levar em consideração na construção da metodologia foi a importância de “uma reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o como de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato”.

A Homeopatia como uma ciência holística traz conceitos diferenciados que exigem um reconhecimento do indivíduo e de sua maneira de se ver e entender o mundo. De certa forma aguça o imaginário em uma tentativa de traduzir informações que estão contidas em nós, mas que diariamente somos motivados a não pensar sobre isso, como por exemplo, o sentimento de pertencimento ao todo, na interligação das relações e a interdependência dos seres.

As metodologias participativas utilizadas pretenderam promover maior interação e pertencimento dos grupos. O pouco tempo disponibilizado pelos

participantes necessitou uma metodologia dinâmica que proporcionasse maior troca de informação. A oficina também abrangeu conteúdo expositivo, embora houvesse interação e respeito as adversidades.

As entrevistas semiestruturadas foram gravadas e transcritas. Para facilitar à análise, as falas foram classificadas em macro temas norteadores: contato prévio com Homeopatia; contato prévio com Homeopatia no meio rural; Fitoterapia X Homeopatia; Homeopatia como ferramenta para a transição agroecológica; interesse no aprofundamento do conhecimento sobre Homeopatia no meio rural; como se vê a agricultura hoje e no futuro. A partir dessa classificação foram extraídas falas importantes para a análise da pesquisa.

A entrevista semiestruturada permitiu o surgimento de outros temas interessantes, mas que não são prioritários para a atual pesquisa.

Ao todo foram 40 participantes nas três oficinas ministradas, 07 na ong Caatinga, 17 no Centro Sabiá e 16 no Povo Xukuru. As entrevistas se limitaram ao universo de 06 a 08 pessoas por instituição totalizando universo de 20 entrevistados.

1.1.1. Os Atores envolvidos na pesquisa

CAATINGA – Centro de Assessoria e Apoio aos trabalhadores e Instituições não-governamentais.

O Caatinga¹ é uma organização não governamental sem fins lucrativos com sede no município de Ouricuri a uma distancia aproximada de 600 km da Capital do Estado. A entidade desenvolve pesquisas que contribuem para a sustentabilidade dos agroecossistemas locais e de educação agroecológica. Além de contribuir para a formulação de políticas públicas adequadas e articulação de parcerias para a definição de estratégias e propostas técnicas capazes de dar dignidade às populações do semiárido. Antes de se tornar, instituição autônoma em 02 de dezembro de 1988, o Caatinga funcionava como Centro de Tecnologias Alternativas de Ouricuri - CTA-O- numa ação ligada ao Projeto Tecnologias Alternativas da FASE -Rede PTA. Em 2006, o Centro foi reconhecido como instituição de Assistência Social pelo Conselho Nacional de Assistência Social- CNAS. Atualmente, a entidade atua em 11 municípios da região do Sertão do Araripe em Pernambuco incluindo o município de Parnamirim no Sertão Central. De forma indireta, sua ação se estende a todo o Semiárido Brasileiro - SAB, através da participação em articulações e fóruns. A instituição tem desenvolvido ações práticas na perspectiva de promoção dos processos de transição de sistemas convencionais de produção agrícola para agroecossistemas produtivos e funcionais, influenciando o melhoramento das condições de produção no SAB. A perspectiva é de que essas experiências sirvam de referencias para outras regiões, prioritariamente no SAB. Tem-se como exemplo os trabalhos em redes como a Articulação do Semiárido Brasileiro - ASA e Articulação Nacional de Agroecologia – ANA.

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO SABIÁ

O Centro Sabiá² é uma organização não governamental de natureza técnico-ecológica e educacional com sede no Recife, Pernambuco. Fundada em 1993 atua na Zona da Mata, Agreste e Sertão o estado de Pernambuco. O Centro Sabiá trabalha para promoção da agricultura familiar dentro dos princípios da agroecologia. Desenvolve

¹ Informações retiradas do site da entidade, disponível em: <http://www.caatinga.org.br/>

² Informações retiradas do site da instituição, disponível em: <http://www.centrosabia.org.br/>

ações inovadoras junto ao trabalho com crianças, jovens, mulheres e homens na agricultura familiar. A perspectiva da instituição é de que a sociedade viva em harmonia com a natureza e seja consciente, autônoma e participativa na construção de um modelo de desenvolvimento rural sustentável. A instituição também executa chamadas de Assistência Técnica e Extensão Rural - ATER. Participa de redes e articulações como a Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, a Articulação do Semiárido – ASA, Rede de Assessoria Técnica e Extensão Rural do Nordeste - Rede Ater/NE entre outras demonstrando os valores de interação e interconexão da entidade. O Sabiá publica uma série de materiais didáticos e de divulgação de suas experiências agroecológicas.

POVO XUKURU

Atualmente a população Xukuru está estimada em 12.139 índios, distribuída em 2.338 famílias em 24 Aldeias e somente um cacique e um pajé. A Terra Indígena - TI Xukuru está localizada a 216 km de Recife na Serra do Ororubá entre o agreste e o sertão pernambucanos. A Serra é composta por uma cadeia de montanhas com uma altitude aproximada de 1.125 metros. É uma região que dispõe de hidrografia privilegiada com a presença de um grande açude e ainda rios como Ipanema e Ipojuca que cortam a TI. Esta conjugação hidrográfica é responsável pela fertilidade de parte das terras dos Xukuru, abastecendo também, em época de seca, a cidade de Pesqueira (FUNASA, 2010). A história do povo Xukuru possui marcos referenciais de luta pela terra. Em 1986 o cacique Chicão organizou o povo para a retomada das terras Xukuru. Chicão foi assassinado em 20 de maio de 1998, mas a luta continuou e hoje é o único povo indígena do nordeste que possui o título da terra. É um povo que luta por uma agricultura sustentável, pelo resgate da cultura massacrada com a expulsão dos índios e ainda busca firmar seus rituais ancestrais que em alguns momentos se mostram mesclados com a igreja missionária.

O Centro Sabiá, CAATINGA e Xukuru foram os “experimentadores”³ da presente pesquisa, no terceiro capítulo se encontram as análises dessa experiência.

³ Experimentadores é uma expressão originária da junção das palavras, experimentador e amor. Está sendo utilizado pelos agricultores e professores da Universidade Federal de Viçosa que estão em um processo de transição agroecológica há mais de 20 anos. Retrata o respeito e a forma amorosa de nomear o agricultor e agricultora que vivenciam experiências de transição agroecológica.

2 - NOVOS RUMOS PARA O DESENVOLVIMENTO

Nesse capítulo se pretendeu entender as consequências da Revolução Verde - RV na agricultura e economia do Brasil. Coube entender frente ao objetivo do presente estudo a extensão rural como um produto do pacote da RV e um pouco de sua atuação. Os novos rumos para o desenvolvimento a partir de uma crise, entendida como uma crise socioambiental que hoje atinge todo o globo. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com pensadores que trazem novas dimensões igualmente importantes para se pensar uma sociedade mais sustentável. Para finalizar se discutiu sobre a agroecologia apresentada como a base científica que respalda o uso da Homeopatia no meio rural.

2.1. A Crise Socioambiental e paradigma da agricultura brasileira

Até certo momento na história do desenvolvimento do sistema econômico e financeiro da sociedade capitalista não esteve inserida a preocupação com a conservação do meio natural e se aceitou a ideia dos recursos serem fonte inesgotável. A sociedade capitalista moderna que está fundamentada no lucro e na exploração da natureza e do homem, a pouco⁴ mostra indícios de um despertar para a questão socioambiental. A ciência já vem comprovando as consequências da exploração dos recursos e a pouca sustentabilidade do sistema econômico hegemônico. Contudo com o avanço da industrialização privilegiou-se o uso da tecnologia para superar os limites naturais e um sistema especulativo que embora com pouca regulação gere as relações de mercado.

Ao contrário do que se imaginava a tecnologia não deu conta de superar os problemas socioambientais que hoje chegam a nível mundial. A ciência econômica clássica em seu arcabouço teórico não encontrou uma saída viável que atrelasse desenvolvimento econômico e preservação dos recursos naturais. Essa fragilidade chama atenção para uma mudança de comportamento no desenvolvimento da sociedade no que tange a sobrevivência da própria espécie.

⁴ A inserção definitiva das análises dos conflitos socioambientais na agenda mundial ocorreu entre o final da década de 1960 e início da de 1970 no contexto da criação do Clube de Roma (1968) e da realização da I Conferência da Organização das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano - Conferência de Estocolmo (1972) (BRITO, *et al*, 2011).

A alternativa encontrada na década de oitenta ao modelo vigente foi a formulação de uma nova concepção de desenvolvimento, o Desenvolvimento Sustentável - DS. Segundo Brito, *et al* (2011), com a estruturação teórica do novo modelo foi possível a percepção da coexistência de duas realidades contrapostas no mundo. De um lado, a promoção do clássico crescimento econômico a qualquer custo, e de outro, a proposição de um desenvolvimento com sustentabilidade, não somente dos recursos naturais, mas da própria humanidade. Na década de 1990 o termo DS se consagrou como um campo de reconhecimento da crise socioambiental mundial.

Paul E. Little (2013) define conflito socioambiental como a disputa entre grupos sociais derivados dos distintos tipos de relação que eles mantêm com o meio natural. O autor traz três dimensões básicas para esse tipo de conflito: o mundo biofísico e seus múltiplos ciclos naturais; o mundo humano e suas estruturas sociais; e o relacionamento dinâmico e interdependente entre esses dois mundos.

A famigerada discussão sobre o desenvolvimento sustentável expôs um novo estilo de compreender e solucionar os problemas socioeconômicos mundiais, considerando o ambiente natural, mas também, as dimensões culturais, política e sociais (Brito, *et al*, 2011).

Cada vez mais está evidenciado que a mudança da matriz agrícola necessita da transformação da sociedade em suas diversas dimensões. Ao contrário da simples substituição de insumos por novos pacotes “mais verdes” o desenvolvimento sustentável perpassa segundo Moreira & Carmo (2004):

[...] por processo de construção de uma agricultura realmente sustentável, embora implique a substituição inicial de insumos, não se resume a isso, devendo passar, necessariamente, pelo fortalecimento da agricultura de base familiar, por profundas modificações na estrutura fundiária do País, por políticas públicas consistentes e coerentes com a emancipação de milhões de brasileiros da miséria e pela revisão dos pressupostos epistemológicos e metodológicos que guiam ações de pesquisa e desenvolvimento (MOREIRA & CARMO, 2004, p. 38).

Os autores consideram que o agravamento da crise socioambiental, que já é vista como uma crise global⁵, não poderia estar dissociada da internacionalização da

⁵ Miguel Altieri 2012 em Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável diz que a situação atual da agricultura brasileira apresenta todos os elementos que compõem uma crise global sistêmica repetindo o que foi vivenciado por outras sociedades, a agricultura nos coloca em uma encruzilhada histórica, sendo que em escala planetária. O autor acredita que o desafio do futuro é responder ao aumento substancial na demanda por alimento em função do crescimento vegetativo da população e do incremento do consumo per capita.

agricultura industrializada como forma hegemônica de manejo dos recursos naturais. Contudo, o modelo de agricultura pós-segunda guerra estabelecido no Brasil foi gerado a partir da necessidade de movimentação do capital pós-industrialização dos países “desenvolvidos” e aos interesses da elite agrária brasileira. Ainda é notório que a compartimentalização da pesquisa científica produziu e reforçou a separação artificial entre as ciências sociais e naturais, dificultando, dessa maneira, a consolidação de um enfoque holístico direcionado ao manejo dos recursos naturais (MOREIRA & CARMO, 2004).

Nesse sentido, o pensamento linear maltusiano que embasou o entendimento de que a fome no mundo era uma questão de aumentar a produção de alimentos justificou a consolidação de um pacote tecnológico denominado Revolução Verde que foi o pilar de desenvolvimento de muitos países. A RV, de acordo com Gliessman (2001, p. 598), foi um exemplo de “fé ingênua na tecnologia”, como se fosse possível à tecnologia resolver os problemas sociais e ambientais no campo e ainda fomentar o capital.

Segundo Kageyama (1987) e Caporal (2007) esse processo de “modernização no campo” que teve como objetivo acabar com a fome, transformou agricultores familiares em meros fornecedores de uma grande engrenagem chamada agroindústria.

2.1.1. A Revolução Verde e a Extensão Rural

No fim dos anos 40 a Extensão Rural no Brasil foi iniciada no estado de Minas Gerais avançando, posteriormente, as fronteiras do país na gestão do governo de Juscelino Kubitschek enquanto presidente.

Primeiramente a Extensão Rural chegou ao Brasil por iniciativa do Grupo Norte Americano Rockfeller, liderada pelo político e empresário Nelson Rockfeller detentor de empresas dedicadas à exploração e comercialização do petróleo, à fabricações de máquinas agrícolas e fertilizantes, bem como à produção de sementes. Duas orientações básicas presidiram a sua ação: colonização e agro-industrialização (PINTO, 2008).

O governo norte americano fomentou diversas investidas no território brasileiro, vale ressaltar a criação do Escritório Técnico de Agricultura - ETA, o qual firmou inúmeros convênios, para viabilizar a expansão do serviço extensionista no País.

No adiantar da 2ª guerra a grande necessidade de combatentes enfraqueceu a mão de obra no meio rural dificultando a difusão do modelo, esse fato ajudou o governo

a decidir convidar professores de fora do país para ingressarem em um programa de Extensão Rural Norte Americano.

O programa defendia que a Extensão Rural tinha influência decisiva no bem estar rural e que era responsável pelo aumento da produção de qualidade e de baixo custo. O programa continha uma grade que norteava a perfeita integração do Ensino, Pesquisa e Extensão (PINTO, 2008).

Eudes de Souza Leão Pinto, idealizador e fundador da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, foi representante de Pernambuco no programa “Land Grant College”, descreveu sua experiência no programa e as consequências para a extensão rural no Estado, o programa Rockefeller previa em seu princípio:

Quadro 01: Princípios do Programa Rockefeller

a) Educação Extensionista – Curso para Professores Universitários, visando, habilitá-los a transmitir aos alunos, de forma mais prática e objetiva possível, os conhecimentos providos pela pesquisa e pela experimentação científica e tecnológica, para melhor e mais eficiente utilização no campo da produção.

b) Métodos Extensionistas – Curso para Professores Universitários com a finalidade de habilitá-los a ensinar os melhores métodos de utilização dos conhecimentos científicos no campo efetivo da produção agro-industrial-comercial e dos serviços em geral.

c) Incentivos ao Relacionamento Interclassista – Curso para Professores Universitários com a finalidade de habilitá-los a promoverem o melhor relacionamento entre empresários, executivos, mestre de fabricação, capatazes, operários e trabalhadores rurais, objetivando assegurar a maior produtividade do homem, com prevenção dos antagonismos sociais e acidentes de trabalho.

d) Treinamento com Adoção de Método de Trabalho – Curso para Professores Universitários visando habilitá-los a propiciar os mais eficientes métodos de treinamento para o trabalho racional e revestido das características de alta produtividade, com segurança para os seus executores.

Fonte: Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, vols. 5 e 6, p.42, 2008-2009.

Eudes (2008-2009) conclui o documento dizendo que a extinção da Associação Nordeste de Crédito - ANC e Assistência Rural Pernambuco, ANCAR-PE e das práticas de Extensão Rural impediram o desenvolvimento econômico no Estado de Pernambuco.

Ainda nos conta que com o passar dos anos a extensão rural, em âmbito nacional, foi desenvolvida divergente à ideia original do programa.

Com o retorno da comissão de professores aos Centros de Excelência Brasileiros houve diversos desmembramentos, como iniciativas para a formação de extensionistas rurais e formação de novas associações de crédito e assistência rural. As Universidades foram responsáveis, num segundo momento pela disseminação da Extensão Rural, principalmente pela excelência dos seus princípios básicos e sua completa isenção em interesses políticos–financeiros e ideológicos (PINTO, 2008). Talvez essa isenção tenha contribuído diretamente no perfil do atual extensionista. Conforme Coelho (2005) a maioria desses profissionais têm dificuldades “na prática do pensamento crítico e conceitual, que visa à construção de alternativas. A razão instrumental, produtiva e consumista supera possibilidades sociais mais discursivas e interativas”.

As associações de Crédito e Extensão Rural, nacional e estaduais, ajudaram a garantir algumas políticas públicas, entretanto, a Revolução Verde não tocou nas relações exploratórias advindas da colonização e ainda provocou a saída em massa da população rural do país para servir de mão de obra barata para a cidade.

Sem o interesse de promover efetivas reformas sociais no campo o discurso do marketing da época apelava para o moderno, qualificando de forma pejorativa o agricultor (a) camponês (a). Esse discurso, recorridas vezes se referia ao homem do campo como pobre e atrasado. O contraste desse cenário era a imagem da mecanização dos cultivos, uso de agroquímicos com o objetivo de aumentar a produtividade, modelo de comercialização exportador e a ideia de mais tempo para outras atividades.

Os agricultores precisavam se adequar a modernização agrícola. O “pacote verde”, como foi chamado, previu tecnologias capazes de produzir em maior escala e menor uso de mão de obra com o auxílio de potentes tratores e de agroquímicos. Previu também o Extensionista Rural, profissional capaz de ensinar a manusear o maquinário e ministrar receitas agrônômicas para o aumento da produtividade, extermínio de pragas e outros problemas. Problemas estes decorrentes do próprio pacote exploratório, monocultor e excludente.

Milhares de agricultores principalmente o camponês não recebeu nenhum tipo de assistência técnica e se manteve a margem do processo de modernização imposto pelas políticas públicas. Outros não conseguiram se adaptar às novas técnicas de produção pelo fato de não possuírem capital para investir nas novas tecnologias, ou pelo

endividamento por empréstimos bancários solicitados para a mecanização das atividades agrícolas, uma vez que foram incapazes de atingir a produtividade suficiente. Muitos desses agricultores tiveram como única forma de pagamento da dívida a venda da propriedade para outros produtores.

Além da catástrofe social o uso de tecnologias de ponta e agroquímicos desencadeou um ciclo curto do uso de materiais e conseqüente dependência de insumos; de fertilizantes intensivos no uso de energia; e a degradação mais rápida do recurso solo (GLIESSMAN, 2001).

Esse modelo de produção evoluiu com a industrialização no país criando um novo cenário. As políticas para o negócio agrário, consolidado como agronegócio, inserem o produtor na cadeia produtiva industrial como um produtor de matéria prima para a indústria ou de alimento barato para a população urbana, e, em menor expressão de exportador de alimentos. A agricultura campestre passa a se chamar, para as políticas públicas, agricultura familiar, e embora se tenha criado órgãos governamentais responsáveis pela assistência técnica de milhares de agricultores familiares, governos como José Sarney empenharam-se na tentativa de extinguir a Empresa de Assistência Técnica e Rural - EMATER, Fernando Collor extinguiu a Empresa Brasileira de Assistência Técnica - EMBRATER e no Maranhão a Governadora Roseane Sarney extinguiu a EMATER-MA.

Embora com muitos tropeços, a abertura do governo brasileiro e a participação da sociedade organizada na construção das políticas públicas vêm incorporando a luta por melhorias no meio rural. Apesar dos grandes incentivos ao agronegócio, a agricultura familiar vem se organizando e encontrando alternativas para um convívio digno com o campo, seja pelas associações, cooperativas, ONG'S, pastorais, créditos rotativos, e outras formas de cultivar a terra. Embora, a luta dos povos tradicionais pela terra ter tido pouquíssimos ganhos e até mesmo retrocessos, principalmente nas últimas décadas, a reforma agrária - RA é o grande desafio para a agricultura e para o desenvolvimento do país.

2.1.2. Os novos rumos na economia e na agricultura

A revolução verde e o agronegócio estiveram a frente das orientações do Estado para a agricultura e o meio rural. Não por acaso que na história do Brasil se guarda o status de campeão mundial de consumo de agrotóxico. Está evidente e

comprovado que o uso desenfreado causa impactos sobre os biomas brasileiros, e sobre a vida no seu maior âmbito.

As ações do Estado voltadas ao fortalecimento do agronegócio resultam na crescente subordinação da agricultura familiar às cadeias agroindustriais pela alta dependência de insumos e equipamentos industriais adquiridos, grande parte via concessão de crédito público e através da integração das cadeias mercantis dominadas por grandes empresas dos setores de processamento e distribuição (IPEA, 2006).

A agricultura moderna cada vez mais importadora de insumos e preocupada em exportar produtos sem considerar as externalidades negativas⁶, social e ambiental, colaborou para um sistema econômico voraz em energia e matéria, desatento aos limites da natureza e gerador de guerra e miséria (SOFFIAT *apud* KHALILI, 2012).

Embora a tecnologia tenha sido a engrenagem para o desenvolvimento econômico, se entende que a crise socioambiental não se resolve apenas com tecnologias, há a necessidade de um olhar holístico do sistema, da comunidade, do território seja ele geográfico e político, e principalmente um olhar especial para a cultura local para se avançar em soluções (GLIESSMAN, 2001 e KHALILI, 2012).

Amyra El Khalili⁷ (2012) traz o ensinamento para os novos rumos da economia:

Para construir uma economia socioambiental respeitando-se as diferenças culturais, multirraciais e religiosas, é preciso uma nova consciência para o mercado que tenha base o tripé educação, informação e comunicação. Transformações de posturas e comportamento por parte da sociedade que envolve um profundo debate sobre consumo pró-ativo, consciência ecológica e social, que aliados a discussão em políticas públicas exigem reformas tributárias e fiscais consideráveis, bem como uma rigorosa regulamentação do sistema financeiro que se adapte a todas estas condições.

A autora considera que a sociedade não deve se fundamentar na geração do lucro, mas, necessita de regulamentação do sistema financeiro adaptado as diversas dimensões que compõem uma sociedade mais sustentável. A economia gestada nas

⁶ As externalidades negativas podem ser entendidas como os significantes efeitos ambientais da produção que não aparecem na análise de oferta e demandas básicas, nem estão refletidos no equilíbrio de mercado do mundo real dos preços e quantidades produzidas.

⁷ Amyra El Khalili militante do meio sócio ambiental desde 1977 é especialista em sustentabilidade e mercado financeiro e professora de engenharia financeira. A partir do seu conhecimento prático sobre o mercado de commodities e derivativos, professora Khalili vem analisando, os mecanismos financeiros propostos pela Economia Verde e apontando para os perigos das falsas soluções que vem sendo implementados por meio de pesquisas de Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação - REDD e serviços ambientais.

diversas dimensões social, ambiental e cultural, e com regras seguras para o setor financeiro⁸, entendendo que se trata de um único planeta com recursos finitos.

Considera-se para o estudo o termo “mais sustentável”, mais condizente do que o termo “sustentável” aceitando a crítica de Nicholas Georgescu-Roegen, 1971, que diz que o desenvolvimento sustentável é um equívoco uma vez que a expansão da escala da economia provoca processos irreduzíveis de degradação no mundo físico o que para o autor é o cerne do problema ecológico.

No olhar para o campo os novos rumos para alguns autores como Caporal & Costabeber, 2002 se dá a partir de uma relação horizontal e interligada com um nível de prioridade igualitário considerando seis dimensões para a sustentabilidade: a Ecológica, a Econômica, a Social, a Cultural, a Política e a Ética. Para os autores essas dimensões ajudam a entender a insustentabilidade da revolução verde e a redesenhar e manejar agroecossistemas na perspectiva mais sustentável.

Caporal, 2003 diz que é possível “ter uma agricultura mais sustentável, reduzindo drasticamente os impactos ao meio ambiente, ao mesmo tempo em que se estimula a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida da população rural”.

O paradigma para uma agricultura mais sustentável que dialogue com as dimensões propostas está sendo construído com princípios ecológicos, metodologias participativas e tecnologias que buscam emancipar e estimular os agricultores (as) a serem coautores da transformação no campo.

Isso implica não somente a busca de maior racionalização produtiva com base nas especificidades biofísicas de cada agroecossistema, mas também na mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos e no protagonismo e estratégias na manutenção do tecido social no contexto rural (COSTABEBER, 2006).

A Agroecologia, o novo paradigma é uma ciência holística que se preocupa com a manutenção do tecido social no campo, com a conservação dos recursos naturais e a resignificação no manejo dos agrossistemas, produzindo sistemas mais resilientes.

⁸ Ver KHALILI, 2012.

2.2. A Agroecologia: o novo paradigma

Esse tópico tem a intenção de reforçar que a agroecologia não significa um novo pacote agrícola.

O termo Agroecologia, segundo Gliessman (2001) surge nos primórdios do movimento de ecologização ainda no século XX quando ecologistas propõem o termo Agroecologia para o estudo da ecologia aplicada à agricultura.

Muito embora exista um arcabouço teórico, a agroecologia também se apresenta quase que como uma expressão poética, vivida pelos agricultores e agricultoras experimentadores que vem junto a pesquisadores reinventando o cenário deixado pela Revolução Verde. Uma forma fluida de se respeitar a dinâmica ecológica e social (classe, etnia, cultura e gênero) em um resgate da sabedoria tradicional do fazer agricultura mesclada a tecnologias que sejam apropriadas ao local. Concomitantemente, como coloca Caporal (2005), a agroecologia deve apoiar a participação política e o empoderamento dos seus atores, além de permitir a obtenção de resultados econômicos favoráveis ao conjunto da sociedade.

Gliessman (2001) em uma tentativa de mostrar o que viria a se tornar o novo paradigma da agricultura diz que a Agroecologia por um lado é como o estudo de processos econômicos e de agroecossistemas, por outro, é como um agente para as mudanças sociais e ecológicas complexas a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente ecológica.

Segundo Gusmán (2001), a perspectiva agroecológica se baseia no descobrimento e na sistematização, análise e potencialização dos elementos de resistência locais frente ao processo de modernização, para, através deles, desenhar, de forma participativa, estratégias de desenvolvimento definidas a partir da própria identidade local do etnoecossistema concreto em que se inserem.

2.2.1. A Origem

Segundo Hecth (2002 *apud* Moreira & Carmo 2004) “o uso contemporâneo do termo agroecologia data dos anos 70, mas a ciência e a prática da agroecologia têm a idade da própria agricultura”. A autora traz a ideia de que tecnologias apropriadas aos locais foram coevoluindo com a família agrícola. Entretanto, alguns fatores do processo civilizatório capitalista destruíram os mecanismos populares de codificação, do controle

e da transmissão das práticas agrícolas. A colonização; o colapso demográfico que modificou as práticas culturais das populações tradicionais; a escravidão; o mercado; e a ascensão da ciência positivista não deixou espaço para a evolução das abordagens agrícolas mais sustentáveis.

O cenário inicial de estudo e desenvolvimento da agroecologia foi a América Central, precisamente no México, com o legado teórico de Angel Palerm e Efrain Hernandez. Posteriormente, o material foi refinado e desenvolvido pelo mexicano Victor Manuel Toledo e Stephen Gliessman, pesquisador norte americano. Contribuição importante também foi dada nos Estados Unidos por Miguel Altieri e Suzana Hecht. Influenciados pelos mexicanos, um pouco mais tarde o Instituto de Sociologia e Estudos Campesinos da Universidade de Córdoba, Espanha, também se tornou referência. (MOREIRA & CARMO, 2004).

A Agroecologia apresenta hoje duas grandes escolas, a norte americana e a europeia. Moreira e Carmo (2004) fazem uma análise das duas escolas e concluem que:

Ainda que a influência da corrente norte-americana sobre as práticas agroecológicas ao redor do mundo seja expressiva, o surgimento, um pouco mais tarde, da vertente agroecológica europeia abriu a possibilidade de um rico diálogo não só entre disciplinas científicas de uma mesma área, mas entre ciências diferentes, naturais e sociais, na busca tanto de um entendimento mais amplo dos impactos causados pelo paradigma da RV, quanto dos marcos alternativo para a conformação de programas de desenvolvimento rural em bases realmente sustentável (CARMO & MOREIRA, 2004, pg.46).

Há diferenças entre as escolas, muito embora a agroecologia, vista como um enfoque científico pretende ajudar no processo de transição de sistemas convencionais para sistemas mais sustentáveis. Atender requisitos sociais, considerar aspectos culturais, preservar recursos ambientais, com uma perspectiva temporal de longo prazo, o que permite dizer que existem diferentes estágios de transição.

Para Caporal, 2005, a ciência agroecológica busca “apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agriculturas convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas mais sustentáveis”.

2.2.2. A transição Agroecológica

A transição pode acontecer de certo modo quando a sociedade, num dado momento histórico, toma uma decisão a partir da percepção clara da aproximação de um colapso no processo produtivo, fruto de práticas e opções tecnológicas e organizativas

que contrariam os referenciais da sustentabilidade. Esse processo que foge de aspectos meramente tecnológicos, não pode estar dissociado das iniciativas locais na construção de estratégias e conhecimentos, assim como do protagonismo dos distintos atores sociais na definição das novas pautas de desenvolvimento agrícola e rural (COSTABEBER, 2006).

A definição da palavra transição do dicionário do Aurélio ajuda a justificar o uso do termo no contexto da presente pesquisa por mais restrita e desprovida de contexto político. Diz-se ato ou efeito de transitar. Passagem de um lugar, assunto, tom ou estado para outro. Trajeto. De tal modo, ponderando que existem diferentes contextos sociais locais, formas de manejo, diversidade climática, composição de solo, abundância de recursos naturais, e ainda diferentes relações e sentido de pertencimento a terra, a família agrícola que busca sair de um sistema convencional de agricultura para outros mais sustentáveis, hoje, pode-se dizer que se encontra em um processo de transição.

A transição agroecológica é entendida como um processo gradual e multilinear de mudança, que ocorre através do tempo sem ter um momento final determinado. Conclui que o processo é tão mais complexo (tecnológico, metodológico e organizacional) a medida que se queira chegar a níveis mais sustentáveis (CAPORAL, 2005).

Autores como Gliessman (2001) e Altieri (2012), abordam os níveis da transição agroecológica, sugerindo como referência geral e didática, a existência de pelo menos três níveis fundamentais: a racionalização do uso de insumos; a substituição de insumos e; o redesenho de agroecossistemas. No terceiro nível, espera-se que os agroecossistemas redesenhados funcionem com base em um conjunto novo de processos ecológicos. Embora se entenda que a transição tenha um tempo indeterminado se entende que em um momento esse agroecossistema possuirá uma especificidade tal que não necessitará mais de insumos, mesmo sendo de base ecológica.

Esses três níveis da transição são importantes para o estudo em questão, pois justificam o uso da homeopatia no meio rural (HMR) na transição agroecológica. Porque a HMR pode atuar como racionalizadora de insumos⁹, quando se utiliza os próprios químicos em quantidades ínfimas para desintoxicar o agroecossistema. Pode atuar na substituição quando substitui os químicos por preparados a base de origem

⁹ A autora se refere a lei das doses mínimas que será abordada no capítulo 2.

animal, mineral, vegetal. E pode contribuir para o aumento da diversidade e complexificação dos agroecossistemas tornando-os mais resilientes.

Alguns autores como Casali(2002); Andrade (2004); Müller & Toledo (2013), descrevem a Homeopatia como uma ciência que aplicada à agricultura e associada às práticas de manejo sustentáveis tem se mostrado importante no processo de transição para uma agricultura agroecológica.

2.2.3. Agroecologia nas políticas públicas

A trajetória da agroecologia nas políticas públicas inicia em 2003 quando o Governo Federal retoma o apoio aos Serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural criando o DATER - Departamento de Assistência técnica no MDA. No mesmo ano com forte influência da sociedade organizada nos debates de construção da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) a Agroecologia foi assumida como enfoque científico orientador das ações de Ater no Brasil.

Objetivo da PNATER é atuar decisivamente nas iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, que envolvam atividades agrícolas e não agrícolas tendo como foco o fortalecimento da agricultura familiar, visando a melhoria da qualidade de vida e fundamentados em princípios agroecológicos.

Uma das tentativas marcantes de institucionalização do paradigma agroecológico nas práticas das organizações públicas no Brasil foi o lançamento em 2005 do Marco Referencial em Agro ecologia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Miguel Altieri(2012) ressalta que, passados alguns anos de execuções de pesquisas embasados nesse marco referencial, outro nível de sedimentação se faz necessário para que a instituição supere definitivamente suas rotinas operacionais atreladas à noção de transferência de tecnologias.

As diretrizes para as ações de Ater em 2005 que contou com a participação efetiva do Comitê Nacional de Ater e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável – CONDRAF engloba a necessidade de que organismos governamentais e não governamentais trabalhem com a necessária sinergia e integração, entendendo que a relação entre segurança alimentar, unidades familiares e a busca de uma concepção sustentável de desenvolvimento deve ser vista dentro de uma efetiva participação dos agricultores. Incluindo a transversalidade de temas como inclusão social, transição para agriculturas de base ecológica, articulação da ater-pesquisa-ensino, gênero, geração,

raça e etnia, geração de ocupações e de renda, atuação em redes, e gestão compartilhada.

Embora haja conquistas, as abordagens difusionistas estão no cerne e permanecem ainda hoje nas instituições oficiais de ATER se tornando obstáculo para que o paradigma agroecológico seja efetivamente incorporado nessas instituições. As chamadas de ATER também seguem no caminho de assistência individual em detrimento do emprego de métodos estimuladores de dinâmicas territoriais de inovação agroecológica necessárias para a criação de ambientes sociais propícios ao exercício do diálogo de saberes apregoado pela teoria agroecológica (ALTIERI, 2002).

No Nordeste, especificamente em Pernambuco, local de análise desse estudo, dada a visão desenvolvimentista do governo a Agroecologia tem ganhado espaço nas organizações não governamentais e Articulação do Semiárido – ASA que tem sua sede em Recife. Na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE existe o Núcleo Agricultura e Campesinato - NAC que vem desenvolvendo ações em assentamentos rurais e discussões com a participação popular na universidade. Os povos indígenas de Pernambuco também vêm trabalhando a agroecologia a partir da insistência das lideranças como é o caso do Povo Xucuru, que fez parte dessa pesquisa e está localizado no município de Pesqueira, agreste setentrional do Estado.

A agroecologia vem se desenvolvendo no estado de Pernambuco, assim como, as práticas de manejo que auxiliam nesse processo e que são pertinentes ao contexto do nordestino.

Nessa pesquisa tem-se o entendimento que a Homeopatia pode ser uma ferramenta para a transição agroecológica e que, pode auxiliar, especialmente, no convívio com o semiárido que é a grande luta do povo sertanejo o qual mais sofre com a escassez dos recursos naturais e mudanças climáticas. No próximo capítulo será abordado a ciência homeopatia e seu uso no meio rural.

Em resumo, neste capítulo tratou-se de abordar a crise socioambiental e os novos rumos para a economia e a agricultura e evidenciar a relação do aqui tratado com o problema da pesquisa.

2 - HOMEOPATIA: DA CIÊNCIA A AGRICULTURA

A Homeopatia, ciência que possui suas bases filosóficas na medicina grega, ainda é vista por muitos leigos como algo místico, sobrenatural. Nesse capítulo vamos discutir conceitos e princípios importantes a respeito dessa ciência e sua aplicabilidade na Agricultura. Cabe ainda neste capítulo uma compilação de experiências consolidadas.

3.1. Origem e Leis que regem a Ciência Homeopática

As bases filosóficas da Homeopatia estão nas escolas gregas de medicina. Hipócrates (460-377 A.C.), médico grego considerado o pai da medicina, em seu *corpus hipocraticus* descreveu as formas possíveis de cura: *contrarius curantur contrarius*, que originou a escola de Cnido, o *similibus curantur similibus*, que originou a escola de Cós e a *vis medicatrix naturae* (NECHAR, 2009).

A escola de Cnido buscava a cura pelos contrários. Essa idéia foi defendida por Galeno no século II e Avicena no século X, sendo o pilar da atual Alopátia. A escola de Cós, em contrapartida, trazia a tese da promoção da cura através dos semelhantes – *similia similibus curentur* – pensamento que ressurgiu pelos ensinamentos de Paracelso no século XV, e três séculos depois retomada por Hahnemann na formulação da abordagem Homeopática (VANDERLEI, 2010).

Rosana Nechar (2009) descreve os conceitos que conduzem a escola de Cnido e Cós:

A escola de Cnido, inspiradora da medicina galênica, entendia as doenças como entidades independentes do paciente, ressaltando os transtornos locais, que precisavam ser distinguidos uns dos outros, sendo analítica e centrando a sua atividade no diagnóstico, para, a partir daí, prescrever a terapêutica mais específica para a doença identificada; utilizava a lei dos contrários, e dela derivou a alopátia. Já a escola de Cós, personificada por Hipócrates, interpretava as doenças dentro do quadro específico e peculiar de cada doente, ressaltando sua constituição e temperamento. Contextualizava e descrevia as doenças de forma bastante acurada nos seus variados sintomas, que entendia como dependentes de fatores ambientais e pessoais. Valorizava mais o doente, encarando a doença como uma abstração. Relacionava-se com o animismo e o vitalismo, sendo sintética e holística. Utilizando as leis de cura pela semelhança, influenciou a Homeopatia (NECHAR, 2009, pg 34).

Hipócrates referia-se a via medicamentosa natural presente no organismo, responsável pela saúde. O médico deveria limitar-se a agir como servidor dessa força

natural. Para ele, a alma e força vital eram um só princípio, o *anima*, tendo sido o fundador do pensamento animista, que admite a alma como entidade que organiza e dinamiza, vivificando todo o organismo (NECHAR, 2009). O modelo vitalista visualizava uma força imaterial regendo os sistemas vivos.

Esse pensamento foi abandonado nos séculos seguintes dando lugar as ciências exatas, refletindo o movimento mecanicista e materialista da mentalidade moderna passando a trabalhar sob a ótica materialista onde tudo está restrito ao campo material só sendo considerado o que pode ser medido (NECHAR, 2009; VANDERLEI, 2010).

Alguns séculos mais tarde ainda envoltos a ótica materialista, nasceu na Alemanha, Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843) que viria a fundamentar a Medicina Homeopática. Como na história da humanidade a corrente contra hegemônica esteve viva confrontando os paradigmas, Samuel Hahnemann foi o maior pensador médico vitalista depois de Hipócrates, no qual se inspirou, sendo seu mérito a perpetuação do vitalismo até os nossos dias (NECHAR, 2009).

Hahnemann se formou em medicina em Leipzing, Viena. Exímio observador e estudioso da natureza, em sua fase pré-homeopática, teve grande atuação na área da química e na farmacologia (NECHAR, 2009). Depois de formado, trabalhou algum tempo com a medicina, mas contrário aos métodos agressivos da época se afastou, voltando a estudar e traduzir livros. Trabalhou em Hermanstadt, responsável pela biblioteca quando teve acesso a importantes materiais. (VANDERLEI, 2010)

De 1777 a 1796 publicou 37 trabalhos científicos e efetuou 17 traduções. (NECHAR, 2009). Nesse último ano, os estudos de Hahnemann são compilados e publicados por ele mesmo no primeiro registro da Ciência Homeopática (BARBOSA NETO, 2006). Desde então transcorrem novas publicações que culminam em 1810 na publicação do *Organon*¹⁰ da Medicina Racional, a mais importante publicação da Homeopatia. Posteriormente, em 1821 é publicada a *Matéria Médica Homeopática*, publicação esta que compila sintomas com as respectivas prescrições (LOBÃO, 2007).

¹⁰ O nome *Organon* vem do grego e significa “instrumento”. O *Organon* da Medicina foi publicado em 1810 na Alemanha e foi aperfeiçoado por Hahnemann até a 6ª edição. Contem todos os fundamentos teóricos da Homeopatia. Hahnemann não batiza seu livro de *Organon* da Homeopatia, mas sim, *Organon* da Medicina, isso se deve ao fato de Hahnemann constatar resultados incrivelmente superiores, em contraposição a medicina convencional do século XVIII. Tais resultados obrigaram Hahnemann a reconhecer como única a medicina que ele havia desenvolvido (BARBOSA NETO, 2006). O *Organon* trouxe a nova visão dos organismos vivos como sendo universos em miniatura, sendo assim, fenômenos que se repetem. Revela o entendimento da ação dos preparados homeopáticos e se aplica à terapêutica homeopática da vida do planeta onde quer que se manifeste.

Ao longo de seus trabalhos e experimentações, Hahnemann resgatou de Hipócrates a lei de cura pelo semelhante, admitindo a perturbação da energia vital como a origem da enfermidade do homem, dando ao vitalismo uma expressão terapêutica. Utilizou o termo energia vital como força, princípio, espírito e poder (NECHAR, 2009).

Este autor afirma: “De acordo com o criador da Homeopatia, a energia vital está adaptada para manter o equilíbrio perfeito no estado de saúde, mas não para recompor ou restaurar a saúde, quando perturbada ou perdida” (NECHAR, 2009, p.40).

Poder-se-ia dizer que um organismo vivo possui a compreensão de suas funções e as executa perfeitamente até que receba uma informação “externa”, chamada pelos homeopatas de “*noxa*”. Essa informação, isto é o noxa, para ser processado seria preciso modificar o ciclo de funções, sobrecarregar a engrenagem, ou então, uma informação pode simplesmente facilitar o andamento das funções. As respostas à perturbação dependem da susceptibilidade e predisposição¹¹ de cada organismo vivo.

Essa harmonia vital controla todas as funções do indivíduo. Quando há uma desarmonia desse controle, ocorre a doença. Quando ocorre a manifestação desse desequilíbrio no corpo e/ou mente, é a moléstia (VIOLANTE, sem data).

A Homeopatia é uma racionalidade médica caracterizada por um sistema médico complexo. Essa racionalidade trabalha com a abordagem do homem como um todo, incorporando no conceito hahnemanniano de saúde-doença a perspectiva do equilíbrio/desequilíbrio da energia vital. Essa energia rege o pleno funcionamento do organismo. Uma vez esse equilíbrio afetado o seu restabelecimento pode ser conseguido com a utilização do medicamento homeopático (NECHAR, 2009).

Hahnemann organizou seus conhecimentos e desenvolveu uma metodologia própria. Após exaustivos anos de estudos, observações e experiências, definiu as Leis que regem a Homeopatia Hahnemaniana:

- 1- Princípio da Semelhança (ou Lei dos Semelhantes);
- 2- Experimentação nos organismos sadios;
- 3- Dose mínima (doses infinitesimais e dinamizadas);
- 4- Medicamento único.

¹¹ Ivana Violante, professora da disciplina de Homeopatia da Universidade Federal de Cuiabá define susceptibilidade como uma tendência para sentir as influências ou contrair enfermidades, é o passível de receber impressões, modificações ou qualidade. “É o modo de estar”. A predisposição é a vulnerabilidade do organismo de adquirir moléstias. É a tendência a estar disposto com antecedência. É a tendência para o indivíduo ter uma determinada doença. “É o modo de ser”.

Hahnemann logo que se formou tornou-se muito respeitado nos círculos profissionais pelas suas comunicações escritas, tanto sobre medicina quanto sobre química. Mesmo assim, tinha profundo descontentamento com a terapêutica da época que consistia em sangrias, catárticos, ventosas e o uso de substâncias químicas tóxicas. Substâncias nas quais ele sabia que não curavam e que muitas vezes pioravam o quadro do paciente. Ao casar-se e ter filhos, como ele mesmo diz “*duplicou meus escrúpulos*”, resolveu dedicar-se somente a química e as traduções literárias (VITHOULKAS, 1980).

Decepcionado com a medicina voltou à profissão de tradutor, mas sua mente estava voltada para a busca dos princípios fundamentais sobre os quais deveria se basear a terapêutica. Traduziu a matéria médica de Willian Cullen, professor de medicina da universidade de Edimburgo que atribuía à quina a cura da malária. Cullen concluiu que a cura se dava pelo fato da erva ser amarga. Hahnemann, não satisfeito com a conclusão, resolveu experimentar a quina em seu organismo e de forma sistemática. Percebeu que sentiu a maioria dos sintomas que uma pessoa infectada pela malária sentia. Essas sensações desapareciam quando deixava de ministrar a erva (VITHOULKAS, 1980).

A partir dessa experimentação Hahnemann descobriu duas leis que iriam reger a Homeopatia. Primeiro a ideia de que a mesma substância que produz os sintomas numa pessoa sadia pode curar uma pessoa doente, através do princípio da ressonância, dessa forma, comprovou a lei dos semelhantes, defendida anteriormente por Hipócrates. Reconheceu ainda a fundamental necessidade da experimentação nos seres humanos saudáveis (CASALI, et.al.,2006).

Autores como Casali e Andrade citam em suas aulas na Universidade Federal de Viçosa, no período de 2002 a 2005, que Hahnemann ao voltar a medicar, observou que os pacientes¹² que moravam mais longe da cidade ficavam curados mais rápido. Constatou que o chacoalhar da carroça de certa forma potencializava a atuação dos medicamentos. Esse interessante fenômeno deu origem a mais uma lei da homeopatia. Vithoukaskas (1980), quem descreveu a homeopatia através dos conhecimentos da biologia, menciona que é desconhecida a maneira exata pela qual Hahnemann deparou com os princípios que iriam reger a ciência homeopática, se foi através da experimentação ou inspiração divina. De sobre modo o autor a descreve partindo do princípio de que cada substância tem um campo eletromagnético. Cada substância

¹² Na época eram os médicos que se deslocavam até a casa de seus pacientes geralmente em charretes.

ministrada a uma pessoa tem duas formas de afetar seu organismo. Por um lado a substância biologicamente ativa pode ter um efeito químico, e por outro pode ter um efeito sobre o campo eletromagnético do corpo causado pelo corpo eletromagnético da substância. Especialmente se os níveis de vibração forem suficientemente próximos, tendo a mesma ressonância. Na Homeopatia essa ressonância é utilizada como princípio terapêutico. Um exemplo dado pelo autor são os banhos com sais minerais, foi comprovado que podem apresentar diferentes benefícios a um determinado grupo de pessoa. E que seu uso frequente diminui seu poder curativo. Essa observação também foi comprovada no uso de medicamentos a base de ervas. Para obter resultados curativos de longa duração é necessário aumentar a intensidade do campo eletromagnético do agente terapêutico ou conforme o autor, “liberar a energia contida na substância a fim de torná-la mais disponível para a interação com o plano dinâmico do organismo”. Dessa forma, a necessidade de dinamizar o medicamento, de certo o que acontecia no chacoalhar do cavalo e conseqüente cura dos pacientes mais longínquos.

Segue abaixo um trecho do parágrafo 269, do Organon, quando Hahnemann descreve o processo de dinamização:

Esta mudança notável nas qualidades dos corpos naturais desenvolve os poderes dinâmicos latentes, até agora despercebidos, como se estivessem adormecidos, ocultos, que afetam o princípio vital, e alteram o bem-estar da vida animal. Isto se obtém por ação mecânica sobre suas menores partículas, esfregando e sacudindo (pelo acréscimo de uma substância indiferente seca ou líquida, separam-se uma da outra). Este processo chama-se dinamização (desenvolvimento do poder medicinal) e os produtos são dinamizações ou potências, em graus diversos (HAHNEMANN, 2013 p. 157 e 158).

A diluição seguida de sucussão-agitação vertical da solução, ficou conhecida como Dose Mínima (VANDERLEI, 2010). No parágrafo 61 do Organon (2013, p.45) diz que, assim como uma ação medicamentosa antagônica (medicamento alopático) tem alívio apenas temporário, agravando-se sempre após a sua ação, o procedimento oposto, o emprego homeopático dos medicamentos, de acordo com a semelhança dos sintomas, deve realizar uma cura duradoura e perfeita se, nesse processo, forem empregadas as doses mais diminutas.

Hahnemann estabeleceu uma padronização para a potencialização do medicamento. A cada diluição, agita-se 100 vezes a substância, há uma mesma distancia e intensidade. Cada “ciclo de potencialização” é descrito com a sigla CH (Centesimal Hahnemaniano), seguido ou antecedido da sigla, pelo número correspondente. CH1 extraiu-se uma pequena quantidade da tintura mãe (cerca de cinco gotas) da substância e

agita 100 vezes. O CH2 extraiu-se uma pequena quantidade do CH1 dilui em álcool 70 e agita-se 100 vezes, e assim, por diante. A partir do CH12 não existe mais matéria quantificável, isto é, é menor que $6.022 \times 10^{23} \text{ mol}^{-1}$ que é a massa molecular definida pela constante de Avogadro. Nessa potência considera-se apenas a energia desprendida da matéria, apenas informação da matéria é cada vez que é diluída e dinamizada potencializa o efeito do medicamento (CASALI, et.al., 2006).

Para Rosembaum, 1998, “em Homeopatia, quando estamos acima do número de Avogadro (acima de CH12), portanto, acima do limite de dispersão da matéria saindo do terreno da toxicologia, entramos na esfera da ação supraquímica ou doses ultramoleculares” (FAGUNDES, 2005).

No seu legado Hahnemann nos deixou ainda o postulado do Medicamento Único, isto é, ministrar somente um preparado por vez. Essa lei foi contestada e reformulada por muitos autores o que gerou outras formas de cura como os Complexistas que ministram o preparado homeopático composto por vários medicamentos (CASALI, et.al., 2006).

Hahnemann desenvolveu uma matéria médica com mais de 5.000 medicamentos todos compostos por sintomas registrados em observação de pessoas sãs que ingeriram um medicamento por vez (CASALI, et.al., 2006).

3.1.1. O Tratamento Homeopático

Hipócrates em sua época já defendia que a individualidade e a complexidade dos pacientes deveriam ser respeitadas. Admitia uma *physis* responsável pelo sistema de auto-regulação ou homeostase dos organismos vivos e propunha a necessidade de se conhecer a natureza do homem através de seus atributos individuais, “meio ambiente social e espiritual, vistos integrados em seu corpo e alma”, afirmando que havia doentes e não doenças (NECHAR, 2009).

As doenças diminuem a intensidade e são curadas por ação do interior ou essência do sistema vivo responsável pela auto-regulação do organismo denominado de força vital ou princípio vital. A força vital anima a vida emocional do indivíduo, gera pensamentos, produz criatividade e conduz à inspiração espiritual (VITHOULKAS, 1980 *apud* CASALI et.al., 2006).

Quando a força vital vibra harmonicamente significa “perfeito estado de saúde”, não se manifestam sintomas no plano físico, nem no emocional ou mental.

Conforme Brunini (1993) isso significa aptidão plena do organismo vivo de realizar-se como individualidade, podendo usufruir livremente da inteligência (CASALI, et. al., 2006).

O princípio vital não é rígido nem é barreira intransponível. É versátil, pois lhe confere evoluir os sistemas vivos no sentido de maior e melhor adaptação das gerações futuras. Visando aprender com a hostilidade como superá-la, o princípio vital permite em si o acesso do que é hostil e sendo afetado identifica os sinais da hostilidade conhecendo assim os meios de superá-la sem, entretanto, extingui-la. (CASALI, 2004 *apud* LISBOA et. al. 2005). As hostilidades não foram feitas para serem extintas, mas ensinarem os sistemas vivos a lição da sobrevivência e do melhorar de cada geração (LISBOA et.al., 2005).

Contudo, o organismo nem sempre está equilibrado o suficiente para liberar a doença. Pelo princípio da ciência da Homeopatia a causa do adoecimento (desequilíbrio) dos sistemas vivos são os procedimentos supressivos que agem contrariamente ao princípio vital suprimindo sinais/sintomas que revelam a expurgação de tudo que afeta/impede o equilíbrio (ANDRADE, 2004).

Entende-se que a supressão é o efeito negativo do noxa. As supressões podem ocorrer de diversas formas. No parágrafo 59 do Organon, Hahnemann diz que o sintoma (sinal) reaparece em situação pior e mais grave dentro do organismo vivo ou sistema vivo da natureza (LISBOA, et.al., 2005). Cada vez que o sintoma é reprimido o organismo precisa de mais força e se desgasta ainda mais até que consiga alcançar a homeostase. Caso não seja possível, escolherá a melhor forma de fazê-lo, pela própria falência de tecidos, órgãos ou organismo.

A supressão pode se dar através de tratamento com medicamentos alopáticos aplicados em doses repetidas, agindo em função da massa¹³ e pela lei dos contrários.

Outra forma de supressão ocorre através do tratamento com irradiações, sejam raios-X, cobalto, etc. Através do tratamento cirúrgico banalizado pode causar invasões nos organismos e/ou provocar adoecimento mental por perdas. O tratamento psiquiátrico através da repressão de traumas psíquicos. O tratamento com vacinas que

¹³ Não se deve falar de doses no sentido de massas quando se emprega um medicamento dinamizado (homeopático) exercendo seu poder dinâmico ou energético, não produz efeito pela quantidade, posto que não tenha substância, mas sim por similitude e grau de dinamização. Ver no livro Tratado de Medicina Homeopática de EIZAYAGA, F.X 3ª Ed., Buenos Aires. Marecel, 1992, p. 254.

apesar de serem isopatias¹⁴, não são dinamizadas e por isso não acessam a força vital e, portanto, supressoras. A vacina por ser um tratamento coletivo é considerada severamente supressora e de grave agressão (LISBOA, et.al., 2005).

Igualmente, o tratamento contínuo com potências muito altas de medicamentos homeopáticos também provoca supressão quando não se leva em conta a totalidade dos sintomas (LISBOA, et.al., 2005).

Segundo Moreno (2004) as doenças geradas dos procedimentos supressivos tornam-se complexas na medida em que vão enfraquecendo a vitalidade do sistema vivo, tornando cada vez mais trabalhoso para o organismo expurgar/eliminar o agente causador do desequilíbrio.

O enfraquecimento da força vital pode ser causado por agentes externos ou pode ser através de maus pensamentos, dificuldades de aceitação, traumas emocionais, ou pré-disposição genética, tudo que desequilibre o organismo espiritual, emocional, mental e fisicamente (VITHOULKAS, 1980).

Para Jahr (1987) *apud* Fagundes (2011) o que distingue essencialmente o tratamento homeopático de qualquer outro é o fato de que ele é e deve ser dinâmico, ou seja, a cura deve ser obtida através da própria reação vital do organismo contra a enfermidade e o medicamento só deve representar o papel de agente provocador, não de agente executante (FAGUNDES, 2011).

Há uma hierarquia prontamente identificável na construção do ser humano e de outros organismos menos complexos. Esses níveis não são separados e distintos, mas são indispensáveis na avaliação do progresso de cura dos organismos.

No Organon parágrafo 11 está escrito que o poder de cura das substâncias depende da influência que suas energias conseguirão exercer sobre a força vital. Segundo as leis que regem o equilíbrio dos organismos vivos na visão nascida com o Organon a cura se dá da seguinte forma:

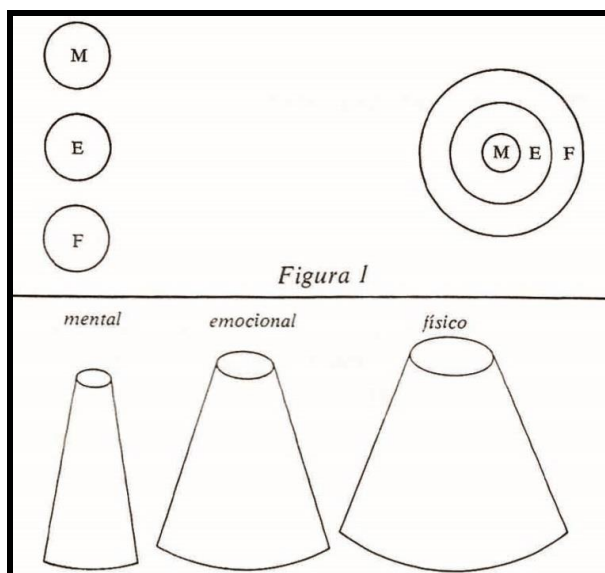
[...] a cura é interior manifestando-se no exterior do organismo, no caso do ser humano tem-se que o primordial é a vontade, vindo depois o entendimento e finalmente as dimensões exteriores. É do centro até a periferia. Assim, a cura deve fluir do interior até a periferia o que significa de cima para baixo, de dentro para fora, dos órgãos mais importantes aos órgãos menos importantes, da cabeça até as extremidades (LISBOA, et.al., 2005, p. 20).

Hahnemann estabelece nessa hierarquia que o plano mental é visto como o mais central e o mais alto na Hierarquia. Hoje, já se fala em um quarto nível o

¹⁴ Conforme o Caderno de Homeopatia, 2004, isopatia é um tratamento de cura pelo igual.

energético ou espiritual. O autor entende que o plano mental contém as funções cruciais da expressão do indivíduo como ser humano. O nível físico, embora importante, é, não obstante, registrado como o mais periférico na hierarquia e o menos significativo (VITHOLULKAS, 1980).

Figura 01: Hierarquias dos três níveis básicos do ser humano.



Fonte: George Vithoulkas, 1980, p.52.

O ser humano se liberta da doença (desequilíbrio) do mesmo modo que os animais e as plantas, lentamente a doença se encaminha na direção dos tecidos externos até atingir a pele, a casca, ou a cutícula (VIHOULKAS, 1980).

3.2. A Descoberta da Homeopatia em Pernambuco

Introduzida no Recife em 1848, pelo Dr Sabino Ludugero Pinho, a Homeopatia teve um rápido crescimento, não tardando para que se multiplicassem os médicos, consultórios, remédios e livros homeopatas. Com o início da propaganda jornalística do Dr Sabino Pinho foi imediata a reação dos representantes da medicina oficial do Império. Desencadeou contra ele uma violenta campanha na qual o Conselho Geral de Salubridade o acusava de charlatanismo (ARRAIS, 2004).

Mas os acontecimentos da época permitiram que a Homeopatia tomasse outros rumos. Uma epidemia de cólera assolou Pernambuco na década de 1850. Foi o cenário perfeito para aumentar a influência da Homeopatia em meio ao medo causado pelo desconhecimento de formas eficazes por parte da medicina oficial. Nos jornais se multiplicavam os anúncios sobre remédios homeopáticos que garantiam o pronto

restabelecimento daqueles que fossem acometidos pelo mal. Chegou-se, em dezembro de 1855, a propor a formação de uma Sociedade Homeopática beneficente para atender os doentes, no caso da epidemia chegar à província¹⁵ (FARIAS, 2007). A população passou a recorrer à Homeopatia como procedimento de cura alternativo, uma escolha estimulada pelas notícias divulgadas nos jornais sobre as curas obtidas por esse método em outras províncias. A relação entre a Comissão de Higiene Pública e os homeopatas ficou mais tensa diante do surto que dizimou quatro mil habitantes da cidade de Vitória de Santo Antão aproximadamente a metade da população. A comissão sugeriu o esvaziamento e queima da cidade o que gerou revolta na população que expulsou a comissão da cidade (FARIAS, 2007).

Diante a esses fatos o governo provincial solicitou os serviços do Dr. Sabino para prestar socorro aos coléricos naquela cidade (FARIAS, 2007).

A farmácia de manipulação denominada Fernando Sabino em Recife existe desde 1848 e é considerada a mais antiga da América do Sul.

3.3. A Homeopatia no meio rural

“A Homeopatia tem sido considerada a ciência do novo milênio com potencial de substituir na agropecuária convencional o modelo consumista do capitalismo irracional que vem dominando as sociedades humanas de vários países” (ARRUDA, et. al., 2005, p. 27).

As práticas agrícolas convencionais tem demonstrado insuficiência em conservar e preservar solo, nutrientes e água. A agricultura voltada para a indústria capitalista tem colaborado nos últimos sessenta anos com a destruição dos ecossistemas, e da família do campo. Essa matriz agrícola desencadeou uma crise socioambiental que vem sendo alimentada pelo sistema econômico hegemônico. Contudo, se tem apresentado outras possibilidades de práticas de manejo que são mais do que transferência de tecnologias, pois se considera como colocado no capítulo anterior, as condições locais socioculturais e ambientais bem como a dimensão econômica em igual importância.

A busca por comunidades mais sustentáveis tem resgatado e aprimorado diferentes formas de manejo de agroecossistemas. As práticas de manejo ecológico possuem como princípio a percepção ecológica que reconhece a interdependência de

¹⁵ **Diário de Pernambuco**, Recife 19 dezembro de 1855.

todos os fenômenos; reconhece que enquanto indivíduos e sociedade estão inseridos nos processos cíclicos da natureza e que somos dependentes desses processos; respeita o valor intrínseco de todos os seres de forma que o ser humano é apenas um fio particular da teia da vida.

A HMR consiste em uma prática de manejo que condiz com a percepção ecológica desde sua fundamentação na Ciência Homeopática, holística e sistêmica, como em sua aplicação respeitando a autonomia da família do campo. A HMR está sendo utilizada por pesquisadores (as) e agricultores (as) experimentadores como prática no manejo de agroecossistemas que estão em processo de transição Agroecológica¹⁶.

De fato, a HMR não pretende ser uma muleta que escraviza o agricultor (a) a utilizá-la até o fim dos tempos e nem atua como agroquímicos que necessitam de doses cada vez maiores e que degradam o meio. O modo de ação da HMR conforme suas leis e princípios respeitam e incentivam os mecanismos de cura dos solos, águas, vegetais, animais e sistemas vivos estimulando o sistema de defesa e a imunogênese destes organismos. De modo que se defendam das doenças e pragas combatendo com seus próprios meios todos os tipos de afecções (ARRUDA, 2005; ANDRADE, 2005; CASALI 2006). Esse modo de ação provoca o aumento da força vital do agroecossistema o que provoca maior resiliência as intempéries. Um organismo forte, saudável e diverso tem maior possibilidade de se autorregular.

Nesse presente estudo a HMR é apresentada como uma prática para a transição agroecológica pois ela pode otimizar o tempo de reconstituição dos agroecossistemas bem como dar suporte para aumentar a resiliência desses organismos e ainda gerar autonomia para que o produtor possa manejar o sistema sem aportes químicos externos.

A HMR é uma prática popular tida como libertadora e humanitária reconhecida e recomendada pela Instrução Normativa n.º 7 do Ministério da Agricultura, publicada no Diário Oficial da União em 19/05/1999. A Instrução Normativa estabelece as normas da produção orgânica no Brasil e visa gerar o alimento sem agrotóxico, beneficiando a saúde da humanidade (RESENDE, 2009).

O preparado Homeopático que vem sendo mais utilizado no meio rural é o Nosódio, feito a partir do agente causador da doença ou desequilíbrio, ou ainda de secreções, excreções e partes do próprio organismo (animal, vegetal e mineral) acometido por uma determinada patologia. Os Nosódios têm grande potencial de

¹⁶ Ver capítulo 2 .

aplicação no meio rural, em razão de ser preparado pelo agricultor (a), o que propicia autonomia e independência.

Os resultados obtidos na HMR são mais rápidos, quanto mais saudável estiver o organismo. Por exemplo, um solo que está sendo atacado por agroquímicos durante 20 anos vai ter uma resposta mais lenta que um solo que está em um processo inicial ou avançado de transição agroecológica.

Pesquisadores da Universidade Federal de Viçosa desenvolveram uma metodologia utilizando a radiestesia¹⁷ para o diagnóstico do agroecossistema. O diagnóstico pode ser simplificado se considerar que os organismos a serem tratados vêm da relação intrínseca do solo e da água. Dessa forma, vendo o agroecossistema como um organismo único a primeira Homeopatia a ser utilizada poderia ser a do solo. O fortalecimento do sistema pode se dar por diversas metodologias, havendo também tratamentos pontuais com nosódios e outras homeopantias confeccionadas em farmácias que são ministradas a partir da similitude dos sintomas com a matéria médica de Hahnemann e de outras sistematizações¹⁸. Após ou concomitantemente à Homeopatia do solo seria possível analisar qual preparado seria interessante aplicar conforme observação da relação das plantas e animais.

Os sintomas de ataque de insetos ou microorganismos nos vegetais seriam os sinais de adoecimento orgânico e não a doença. Concordando com os princípios da teoria da trofobiose¹⁹ a causa é anterior ao sintoma. A desarmonia nutricional tem origem na desarmonia do solo e de suas relações, enfim, no desequilíbrio do princípio vital, no desequilíbrio ambiental (ANDRADE, 2004).

3.3.1. Experiências consolidadas em Homeopatia no meio rural

A pesquisa bibliográfica focou-se em experiências obtidas por produtores, extensionistas e pesquisadores que descreveram trabalhos com resultados de efeito

¹⁷ Radiestesia é “a arte de sentir, perceber e identificar as microrradiações ou ondas”. Ver SILVEIRA, J. C. Caderno de Radiestesia: Instruções Práticas Tradicionais sobre Investigação dos Efeitos das Ondas de Baixa Frequência na Saúde dos Seres Vivos e do Ambiente Rural. 2011, 20p. Disponível em: <http://www.sunnet.com.br/biblioteca/livros-e-textos/caderno-de-radiestesia.pdf>

¹⁸ Por exemplo, O Caderno de Homeopatia compilado pela Universidade Federal de Viçosa, resultado de experiências durante 11 anos, de agricultores da Vertente do Caparaó, Minas Gerais.

¹⁹ Conforme a Teoria da Trofobiose uma planta desequilibrada nutricionalmente torna-se mais suscetível a pragas e patógenos. A adubação mineral e o uso de agrotóxicos provocam inibição na síntese de proteínas, causando acúmulo de nitrogênio e aminoácidos livres no suco celular e na seiva da planta, alimento que pragas e patógenos utilizarão para se proliferar.

direto na produção, isto é, procedimentos aplicados a cultivos, solos, animais e plantas e não a substâncias isoladas constitucionais desses seres, o que também pode ser encontrado na bibliografia. A maior parte dessas experiências relatadas utiliza-se do nosódio, como já mencionado anteriormente no texto é o agente causador da doença ou desequilíbrio, e ou, de medicamentos encontrados na repertorização de sintomas por analogia à matéria médica humana.

3.3.1.1. Experiências consolidadas em Homeopatia no meio rural no Brasil e no mundo

A Homeopatia conforme descrita anteriormente é uma ciência holística que trata o sistema como um todo. O tratamento de um agroecossistema segue o mesmo princípio, e sendo assim, o olhar do homeopata rural busca a compreensão das relações bióticas e abióticas, do histórico e do manejo antes de uma possível intervenção. De fato, a melhor forma seria tratar o sistema como um todo, animais, plantas, solo e água, para que o sistema integrado seja revitalizado e adquira força vital que resista a intempéries, sendo um tratamento preventivo e não remediador. Entretanto, na realidade, outros interesses tem definido o perfil das experiências. Muitas delas se limitam a solucionar problemas específicos e pontuais, o que não é pouco, e têm permitido a repertorização e conseqüentemente a consolidação do uso da Homeopatia como um instrumento de conversão para um manejo livre de químicos e agrotóxicos.

Almeida et.al.(2003) testou o no sódio CH30 no controle de lagartas de cartucho, lepdoptera, *Spodoptera frugiperda*. O preparado homeopático *Spodoptera* CH30 manteve a população de *S. frugiperda* abaixo do nível de controle nos estádios fenológicos de quatro, seis e oito folhas completamente desenvolvidas (ALMEIDA, et.al., 2003), sendo eficiente no manejo da lagarta. Na Cartilha de Homeopatia (2004, 2009, 2010, 2012) se recomenda o uso do nosódio do inseto-praga, no caso desta lagarta, na potência CH5 ou CH6.

Em 1976 os pesquisadores Khana e Chandra aplicaram diversas soluções homeopáticas em tomates recém colhidos e inoculados com fungo *Fusarium roseum*, causador da podridão dos frutos, constataram que nos frutos em que aplicaram Kali iodatum C149 e Thuya occidentalis C87 a doença não progrediu. A metodologia utilizada não condiz com o método hahnemaniano.

Müller & Toledo (2013) descrevem experiências que estão de comum acordo com o caráter dessa pesquisa, pois corroboram com o caráter educativo e emancipatório. Desde 2004, parte da equipe de ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural da região de Marechal Cândido Rondon, Mercedes e Toledo/PR, vêm sendo formada em Homeopatia, bem como tem capacitado pequenos agricultores. Vale a pena enaltecer uma experiência descrita pelos autores com tomate, *Solanum lycopersicon L.* que cultivada convencionalmente necessita de muitos cuidados e aplicação de químicos. Os preparados homeopáticos são aplicados de forma individual e em determinadas combinações com demais produtos fitossanitários e biofertilizantes. A prática demonstrou sucesso no uso da *Calcarea carbonica* incrementando o desenvolvimento das plantas; *Arnica* nos traumas de poda e replante; *Pulsatilla nigricans*, *Appis melífera* e *Sepia* para aumentar o número de frutos por planta; *Ferrum sulphuricum* promovendo crescimento radicular e da parte aérea; *Sulphur*, *Propolis* e *Staphysagria* para doenças e pragas; e *Borax* em situações com deficiência de Boro. Assim houve redução no uso de produtos fitossanitários e o desenvolvimento de plantas mais saudáveis.

Rolim *et al.*(2011) utilizaram preparados homeopáticos em tratamento pós colheita de tomate, cultivar Andréa, produzido pelo sistema orgânico. Os tomates foram mantidos em laboratório e acondicionados em bandejas, sendo pulverizados com solução aquosa de preparados homeopáticos contendo 6mL/L. Conclui-se que a solução hidroalcoólica a 30% e *Kali iodatum CH30* são eficientes em reduzir a incidência de podridão mole em frutos de tomate, quando aplicados em pós-colheita. A eficiência da solução aquosa foi explicada pela sua ação bactericida sendo associado à bactéria *Erwinia sp* a podridão mole.

Em sua tese, Andrade (2004) utilizou bioeletrografia para identificar as respostas de vitalidade do solo às Homeopatias. Houve uma diferenciação no tempo de resposta dos solos devido aos diferentes manejos. O solo retirado de uma horta orgânica respondeu mais rápido do que aos outros convencionais. Todas as Homeopatias foram ministradas em potencia CH30 e as que mostraram aspecto mais diferenciado foram *Arsenicum*, *Silicea*, *Molibdenum*, *Mercurius*, *Magnesia Carbônica* e *Kali Carbonicum*. A experiência permitiu constatar que as soluções altamente diluídas e dinamizadas de sais orgânicos e minerais contribuem na regeneração criativa dos solos e agroecossistemas.

Müller & Fülber (2013) descrevem experiência com tratamento homeopático em animais no sistema convencional de produção, para elencar os principais

medicamentos usados visando a conversão e adoção de práticas agroecológicas. Observaram que o uso de Sulphur e Staphysagria proporcionaram elevada eficiência. Os autores descrevem que em 3 dias os aracnídeos param de se alimentar, se tornam pálidos e flácidos, o sangue no seu interior se torna cor de barro e facilmente ele cai. Muitas vezes os produtores se assuntam pela elevada população de carrapatos, mas grande parte está apenas esperando algum contato mecânico para derrubá-los. Em casos que os medicamentos não proporcionaram controle buscou-se a complementação com o nosódio do carrapato na potência 6 CH. Outro exemplo de manejo de carrapatos bem-sucedida pelo nosódio na potencia 6 CH, foi o experimento realizado com pecuaristas convencionais em Goiás pela presente autora²⁰ no qual houve dois criadores experimentadores que aplicaram, a princípio o nosódio ao sal misturado a alimentação do gado todos os dias. Os carrapatos murcharam na primeira semana de uso com aparecimento em menor quantidade nas infestações posteriores. O carrapato possui fase do ciclo no pasto o que dificulta sua erradicação. Entretanto, com o uso contínuo e posterior uso a cada reininfestação o parasita foi controlado. No caso do criador que interrompeu o uso do preparado com o uso de ivermectina teve uma resposta menos benéfica.

No caso das mastites e mamites inicialmente utilizou-se Calcarea carbonica e Pulsatilla nigrans a todos os animais de forma curativa e preventiva. Em um mês com nova avaliação novos medicamentos podem ser empregados em função da causa da patologia e evolução dos casos. Também foram satisfatórios os resultados com o tratamento durante a gestação dos animais com os mesmos medicamentos, e o uso cerca de 5 dias antes e mais 5 após o parto de Arnica. Reduziu-se drasticamente os problemas ligados a dificuldade no parto e retenção de placenta. Comprovou-se uma redução acima de 90% nos gastos com farmácia veterinária e melhora da qualidade do leite, bem como no estado e comportamento dos animais.

3.3.1.2. Experiência consolidadas em Homeopatia no meio rural em Pernambuco

²⁰ Monografia intitulada “*Uso da Homeopatia no Controle do Carrapato*” apresentada pela autora da presente pesquisa a Universidade Federal de Lavras, no programa de Pós-graduação em Manejo e Gestão Ambiental na Agroindústria.

No Estado foram encontradas experiências com o uso da fitoterapia na produção animal, inclusive pelas entidades participantes da pesquisa. Vale colocar que durante a oficina e posteriormente, nas entrevistas, pode-se identificar uma dificuldade dos extensionistas em discernir a Homeopatia da Fitoterapia. Esse fato permitiu elencar mais um tema para discussão na presente pesquisa e se tornou um dos objetivos específicos que ajudariam por fim a alcançar os objetivos da presente pesquisa.

A partir de um estudo bibliográfico a experiência encontrada em Pernambuco parece um pouco tímida a princípio por utilizar apenas um preparado comercial atrelado a outras práticas de manejo concomitantemente.

Em 2002, no campo experimental da Caatinga da Embrapa Semiárido, localizado em Petrolina, Pernambuco, a Embrapa instalou o modelo experimental de produção orgânica de cabritos para unidades familiares do sertão pernambucano e baiano do São Francisco visando gerar referências técnicas e econômicas para a valorização da carne de caprinos com base no uso sustentável da Caatinga (CRUZ, et.al., 2000).

O modelo possuía no momento do experimento 93 ha de Caatinga nativa e 27 ha de pastos cultivados adubados com esterco e fosfato de rocha, e um rebanho médio, de 63 matrizes. As medidas para avaliar e reduzir o grau de infestação de ectoparasitas e verminoses em todos os animais foram: a Homeopatia produto comercial – Fator Vermes®, tratamentos fitoterápicos à base de Nim (*Azadirachta indica*) e pó-de-alho, além da retirada do esterco das instalações e desinfecções periódicas com a cal e creolina e descanso das pastagens por período de seis meses (CRUZ, et.al., 2000).

O procedimento utilizado com diferentes práticas dificulta uma análise aprofundada do potencial do uso da Homeopatia. Outro fator diz respeito a utilização de um produto homeopático comercial que não apresenta a mesma autonomia para o agricultor como a que é produzida por ele, entretanto, ainda é um produto natural, com baixo custo energético para a produção e sem degradação ao meio ambiente.

Em resumo, neste capítulo tratou-se de abordar os princípios da ciência homeopática, a utilização da homeopatia no contexto rural, a nível mundial e local e evidenciar a relação do aqui tratado com o problema e objetivos da pesquisa.

3 -HOMEOPATIA PARA A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA – UM EXERCÍCIO DE ESCUTA

As oficinas tiveram carga horária reduzida conforme disponibilidade dos participantes. Com um conteúdo denso a oficina seria mais proveitosa se os participantes estivessem conectados apenas com a oficina, houve certa dispersão devido a outras demandas, mas de qualquer forma foi um desafio a ser enfrentado. Contudo a ministrante fez o possível para voltar o conteúdo e reforçar a informação. Vale realçar que é um tema complexo, impossível fazer-se entender e ser entendido perfeitamente em tão pouca carga horária.

Ao todo foram 40 participantes nas três oficinas ministradas, 07 na ong Caatinga, 17 no Centro Sabiá e 16 no Povo Xukuru. As entrevistas se limitaram ao universo de 06 a 08 pessoas por oficina. No Caatinga foi possível entrevistar técnicos com mais de um ano e meio de instituição e técnicos com menos de um ano, todos atuantes no sertão do Araripe. O Centro Sabiá também apresentou essa diversidade e ainda foi possível entrevistar extensionistas que atuam em diferentes regiões do Estado de Pernambuco, mata sul, mata norte e sertão do Pajeú. A participação do povo Xukuru traz outra perspectiva dada a participação de apenas um extensionista, que atua na região Agreste, microrregião do Vale do Ipojuca, e de 15 agricultores. Todos os 16 participantes residentes da Serra de Ororuba, área indígena, no Agreste Pernambucano.

Dessa forma, foi intencional, nessa presente pesquisa “pulverizar” a informação pelas diversas regiões do Estado. Mais que pulverizar como diriam os homeopatas a intenção foi lançar a informação no ar, um dos melhores transportadores da informação sutil.

Faz-se importante justificar que apesar da rica diversidade de territórios e universos sociais a análise teve por objetivo focar em 20 entrevistados, 11 homens e 9 mulheres, destes, 07 agricultores(as) indígenas, 01 extensionista governamental indígena e 12 extensionistas não governamentais. Do total dos 12 extensionistas não governamentais são 6 extensionistas do Centro Sabiá e 6 do CAATINGA. Todos os entrevistados possuem contato direto com a agricultura, ou seja, lidam com a terra ou são filhos de agricultores onde todos passam por um processo de formação e experiências de transição de uma agricultura convencional para uma agricultura agroecológica. No universo dos extensionistas, a grande maioria possui curso de técnico

agrícola e curso de técnico em agropecuária. Dos agricultores todos são familiares indígenas que manejam até cinco hectares de terra.

A entrevista semiestruturada conduziu os participantes a alguns temas que possibilitaram perceber alguns aspectos, como: o pré-conhecimento da Homeopatia pelos participantes; a distinção da Homeopatia de outras práticas; o cenário da agricultura e a projeção futura e; o potencial da Homeopatia para a transição agroecológica.

Do total dos entrevistados oito (40%) demonstraram não ter tido nenhum contato com a ciência homeopática e apenas dois (10%) apresentaram relato do uso de medicamentos homeopáticos pela família. Três entrevistados haviam tido contato prévio com a Homeopatia no meio rural por meio de cartilha adquirida em evento de agroecologia, televisão e/ou pela internet. Considerando o total de entrevistados é possível perceber que a Homeopatia não é algo comum e usual entre os entrevistados. Embora, cinco (25%) entrevistados já teve algum tipo de contato.

As falas dos agricultores não foram editadas e estão em itálico para reforçar a distinção do texto dissertativo.

4.1. Fitoterapia X Homeopatia

No início de cada oficina se teve o cuidado de dialogar sobre as diferenças entre algumas práticas agrícolas que poderiam ser confundidas com o uso dos preparados homeopáticos. O primeiro tema a ser analisado foi o conflito que poderia ocorrer no entendimento da Homeopatia e da Fitoterapia. A Fitoterapia é uma prática já conhecida e utilizada pelas instituições e pelo povo Xukuru. Do grupo de 13 extensionistas, 07, ou seja, 54%, disseram que não sabiam diferenciar a Homeopatia da Fitoterapia. Nas entrevistas, que sucederam as oficinas, três (23%) entrevistados demonstraram confusão na separação das duas práticas, como pode ser observado em algumas falas dos entrevistados:

Duas falas que evidencia confusão em torno da compreensão de homeopatia:

“Eu confundia Homeopatia com fitoterapia ai juntava tudo num canto só.”
(TS1, em 26/04/14)

“Eu tinha um conceito de Homeopatia que era outra coisa. Aquela história que tem que fazer com argila, que bota no braço” (TS2, em 26/04/14).

Outras falas dão margem a admitir que a participação nas oficinas contribuiu para um entendimento da temática HA:

[...] Como, por exemplo, você chega numa comunidade e a gente tem ali uma prática para fazer, por exemplo, com defensivo natural. Têm vários defensivos naturais que a gente faz com o agricultor e eu não sabia do que se tratava, que é a Homeopatia (TC1, em 08/11/2013)²¹.

[...] Porque ainda hoje, eles usam plantas medicinais da horta, no caso, da própria terra. E vão buscar em outros lugares e hoje eu tenho dificuldade de levar eles pra um médico [...] Eu não sabia também, eu nunca me propus a pedir informação que isso se chamava Homeopatia, né. Eu não sabia. Mas é isso, então, no caso eu uso, minha família usa, sem eu saber que o nome se dava, que o nome que se dá é esse. Entendeu?(TS3, em 26/04/14).

Eu achei bem interessante, porque foi ai onde eu vi a dimensão que a Homeopatia tem. Que até então por alguns comentários eu achava que era só remédios naturais. A gente viu que não se resume só a isso, não é? (TC2, em 09/11/2013).

Brevemente vale ressaltar as diferenças e semelhanças básicas que existe entre a Fitoterapia e a Homeopatia.

Quadro 02: Diferenças e Semelhanças entre a Homeopatia e Fitoterapia.

Homeopatia	Fitoterapia	Homeopatia	Fitoterapia
Partes e excreções de animais, plantas e minerais.	Partes de plantas medicinais	Natural	Natural
Energia desprendida da matéria	Princípio ativo	Usa dose mínima da tintura mãe para iniciar o preparo do medicamento	Tintura mãe, infusão, maceração, Inalação, etc.
Potencialização	Não há potencialização	Revitalização do organismo	Revitalização do organismo
Doses mínimas	Não há determinação	Doenças agudas e crônicas	Doenças agudas e crônicas

Fonte: a autora.

Conforme o que foi dito nas entrevistas e nas falas durante as oficinas sobre as experiências pré-existentes com a Fitoterapia pelos extensionistas do Centro Sabiá e da Caatinga, foi possível perceber que existe o entendimento de que as plantas curam, embora nem todos tenham conhecimento sobre o princípio ativo (efeito químico). Os extensionistas tiveram dificuldade de aceitar que o medicamento homeopático é constituído de energia desprendida da matéria e que a cura se dá através do campo

²¹ As falas de entrevistados(as) estão em itálico para distinguir das citações diretas de outros autores, neste texto.

eletromagnético dos corpos. Também houve certa resistência no entendimento de que o e que o elemento hidrogênio carrega informação. Racionalmente esse entendimento poderia se dar através do estudo da Teoria Quântica o que não viria ao caso em tão pouco tempo. Interessante observar que não houve um consenso sobre o que viria a ser energia. Como os extensionistas são fruto de uma educação convencional é possível inferir que faltou a compreensão de que os corpos possuem eletromagnetismo, que a matéria é feita de partículas sendo a menor delas o átomo que se constitui hora onda ora partícula. Talvez com esse entendimento prévio, seria possível compreender racionalmente o que viria a ser energia. Vale ressaltar que devido à carga horária limitada não foi possível sanar por completo todas as dúvidas. Para facilitar o entendimento sobre a energia foi proposta uma dinâmica.²² Após a dinâmica²² alguns participantes apresentaram menor resistência ao conteúdo.

No caso dos agricultores Xukuru esse ponto não causou tanta dificuldade, talvez, pelo fato dos agricultores serem acostumados a lidar com energia, seja nos rituais religiosos e na própria forma de se relacionar e manejar a natureza. Todos os agricultores Xukuru disseram não ter ouvido falar na Homeopatia, com exceção do extensionista. Entretanto, apresentaram certa familiaridade com a técnica. Essa familiaridade pode ser explicada pelo fato de possuírem uma vivência muito próxima com a cura natural principalmente os que participaram da oficina, que são agricultores orgânicos e estão conectados aos rituais de cura do seu povo. Muitos utilizam ervas e outros preparados nos cultivos, no entanto, ninguém apresentou conflito na diferenciação da Fitoterapia e Homeopatia. Tiveram clareza de que era algo que eles têm certa noção pelo trato na agricultura, mas que algo estava sendo acrescentando ao conhecimento. Como se já houvesse uma pré-disposição para o aprendizado. “Dona Maria relatou que era como se a informação estivesse jogada no ar pelos antigos” (AX1, em 27/02/14).

Outro Relato identifica certa semelhança com o manejo dos antigos:

A gente sempre saculeja sabe, balança assim elas, mas as batidinhas, certinha nós não dava não. É por isso que ontem eu disse, olha é parecido, cheguei a dizer, né, é interessante que nossos ancestrais não tinham estudo nenhum e a coisa tem um pouco de semelhança. Fico imaginando: quem ensinou a eles? (AX2, em 23/02/14).

²² A dinâmica consistiu em gerar um campo vibratório. Primeiro os participantes em dupla um na frente do outro, com as palmas estendidas uma sobre a outra, sem encostar, para sentir o aumento de temperatura na palma das mãos. Depois foi feita uma roda com os participantes de mãos dadas, cada um seqüencialmente apertando a mão da pessoa que está ao lado, provocando um fluxo energético.

4.2. O cenário da agricultura e projeção futura

No universo dos extensionistas ficou evidente que a agricultura agroecológica está avançando, mas ao mesmo tempo, se sentem imobilizados com a dimensão do agronegócio e o montante de esforços que se necessita para uma transformação na agricultura. Colocaram também que a agroecologia está em desvantagem porque enquanto o agronegócio está cada vez mais em evidencia muitos agricultores não sabem o que é agroecologia. Em um dos relatos, um participante comentou que apesar dos avanços a agroecologia é utopia.

Eu me sinto como se fosse um feto, muito pequeno em relação ao agronegócio. Tem muita coisa bonita, tem muita coisa sendo feita, tem muita coisa mudada, mas eu acho que é muito pouco. E me sinto também um pouco angustiado, porque não depende de nós que trabalhamos nessa área de mudar isso numa proporção maior. (TS2, em 26/04/14)

[...]me sinto um minúsculo, o Brasil todo. Mas acho que teve um avanço e que a gente pode até chegar. Não sei se estou exagerando, mas acho que é utopia ainda. (TS2, em 26/04/14).

Vejo hoje que há uma grande aceitação da agroecologia. A gente já tem uma rede muito boa de agricultores experimentadores e há uma aceitação maior e uma ampliação de agricultores está aderindo a causa da agroecologia (TC2, em 09/11/2013).

São unânimes quanto a necessidade de mais recursos e incentivos para a expansão da extensão agroecológica. Mencionam que o governo deveria estar mais atento as ONG's e como elas assistem a população, porque sem o trabalho dessas instituições a situação do semiárido estaria muito pior. Deveria haver não somente incentivo do governo federal, mas dos estados e municípios para que a agroecologia chegasse de fato aos agricultores familiares. Também foi relevante as falas sobre o governo dar muito mais fomento ao agronegócio:

“[...] Eu sei que a agricultura familiar poderia ser vista com outros olhos pelos governantes. Porque é uma cultura que tem dado as condições para que as famílias brasileiras tenham acesso a alimento de boa qualidade.” (TC3, em 09/11/2013).

“[...] eu acho que tem que ter uma parceria maior do estado, dos municípios, para estar ampliando isso, para estar sensibilizando, mudando” (TC2, em 09/11/2013).

“Olha, eu acho que é um momento muito desafiador. Enquanto tem essas organizações que trabalham com agroecologia, com agricultura familiar, o governo quer saber do agricultor empreendedor, do agronegócio” (TC3, em 09/11/2013).

O extensionista governamental foi indagado sobre de onde deveria vir a iniciativa para promover a mudança na agricultura, do governo ou de bases locais. Demonstrou que seria uma ação de mão dupla, pois se entende que há uma relação de forças, de dominante e dominado, fica claro quando se fala em “inimigo”, mas que é um sistema que se retroalimenta. Termina afirmando que talvez a mudança somente ocorra quando não houver mais alternativas.

“Eu acho que deveria ser um somatório, tem que ter também essa parte do povo se libertar, emancipar, libertar do agronegócio. Porque é aquela coisa, a gente critica, o povo critica o agronegócio, a estrutura da fazenda, o camarada que planta cana, o usineiro e tal, só que ele se alimenta desse sistema. Então, ele critica o inimigo e vive graças ao inimigo[...]. Às vezes, eu fico pensado assim: não tem condições, vamos mudar. Mas quando eu paro pra pensar mesmo na realidade, no que está acontecendo na nossa própria história, eu digo: poxa, é difícil. Talvez, quando o homem não tiver mais condições, ou mais alternativas, ele vai ter que rever tudo isso. Infelizmente talvez, quando a gente chegar no fim do túnel, é que a gente vai encontrar a luz, o caminho!” (EX1, em 23/02/14).

O extensionista ainda coloca que está na Lei de Ater que se deve trabalhar a agricultura agroecológica, mas infelizmente diz que as ações acabam acontecendo na contra corrente, muitas vezes por questões político partidárias.

Todos os entrevistados agricultores trabalham sem agrotóxico, têm a noção de preservação do meio e discursam sobre o benefício que essa agricultura dá para a natureza e para o próprio homem. Não entendem como uma pessoa pode prejudicar o meio em favor do lucro. Entendem que antes, na época dos pais, não se ouvia falar de agricultura principalmente dos pequenos, mas que agora é diferente. O governo libera empréstimos que podem gerar alguma coisa dependendo do seu planejamento. Ainda tem-se que pagar com juros, mas é possível levar a vida. Reconhecem a disputa com o agronegócio, mas sabem que é desigual, que o governo sempre esteve a favor do agronegócio. Também se fala da responsabilidade do consumidor em procurar adquirir produtos sem agrotóxico.

“Vou plantando só porque a verdura sai mais rápido. Mas eu não vou fazer uma coisa que eu vou vender e vai prejudicar as pessoas. Eu vou me sentir muito triste, e culpado, fazer uma coisa dessas. Olha, já que tem muita jurema, vamos plantar mais árvores nativas e fortalecer mais o nosso terreiro com agrofloresta. Isso é importante.” (AX3, em 23/02/2014)

“A agricultura tá sempre se estendendo, ela era sempre esquecida. Hoje, Já tem ajuda do governo. Esse empréstimo pro pequeno agricultor ir lá e fazer seu empréstimo e comprar algum bichinho, pra comprar algum tipo de irrigação, uma bomba, cano, que isso já é uma ajuda. Quero dizer que na época de criança, de meu pai, não existia isso. Os poderosos estão enxergando a agricultura, né, principalmente o pequeno agricultor. O grande não que já tem. E hoje tá tendo um ponto de vista que os pequenos agricultores recebem aquela pequena ajuda. Tá certo que ele vai pagar mais, e por isso tem que saber em que vai aplicar. Não da pra fazer empréstimo pra mobiliar a casa, querer comprar outras coisas que não vão dar rendimento. Ele tem que aplicar numa coisa que vai dar rendimento, né, com 4 meses, ou com 5 meses, com 2 meses, mas que dê rendimento, né” (AX4, em 23/02/14).

“Porque a gente tem que ter maneira de trabalhar preservando as matas, as nossas nascentes. E de outra parte ainda acho uma negação pelo tanto de produto com química que a gente vê no mercado” (AX5, em 23/02/14).

“Bom, futuro pra aqueles que plantam com agrotóxico, eu tenho pra mim que eles já estão fazendo um mal pra eles, pra natureza e pra quem está consumindo aquilo, né. Que o pessoal que consome devia também acordar e procurar onde tem uma feirinha de base ecológica, que nem a gente lá em Pesqueira. Tem, que ver o selo, não é? Porque em grandes mercados a gente sabe que tem o selo do orgânico, o que é orgânico e o que não é. Ai também vai da cabeça do consumidor.” (AX5, em 23/02/14).

4.3. A utilização da Homeopatia no meio rural e no contexto da transição agroecológica

Uma pergunta que foi considerada importante para o estudo feita antes de se discutir se a Homeopatia seria uma prática para a transição agroecológica, foi o que mudou depois da oficina, não propriamente sobre o conteúdo, mas o modo de olhar o trato com a terra, com as pessoas e com a agroecologia. Houve alguns relatos interessantes a que cabem transcrever:

“Mudou na forma de perceber o ambiente, de perceber as pessoas, de perceber os animais, a integração daquele espaço. Não é que vamos parar agora de usar outras técnicas, mas a forma de enxergar e a forma de você poder propor, eu acho que, eu acho não, isso sim mudou. As minhas intervenções daqui pra frente toda vez vai ter que ter um olhar de forma da Homeopatia” (TS4, em 26/04/2014).

“Mudou, porque assim, quando a gente escuta só uma pessoa falando aquilo ali, a gente não acredita, mas quando vem um estudo, como eu estou tendo oportunidade de você estar aqui, explicando que funciona, tudinho, a gente já começa a voltar atrás e realmente vê que funciona. Até porque a gente sabe que a natureza por si só, ela já é poderosa. Aí o que acontece, já que o homem interveio, teve a intervenção do homem pra destruir o solo, a natureza, a gente também pode ajudar a reconstruir

então a gente vai utilizar a própria natureza para melhorar ela mesma. Porque foi a gente mesmo quem terminou destruindo” (TS3, em 26/04/14).

“Após essa experiência que a senhora trouxe aqui pra gente é muito importante, principalmente pra gente que trabalha sem tóxico” (AX4, em 23/02/14).

“Eu acho que a Homeopatia pode ser um caminho e que trilha junto com a agroecologia” (TS2, em 26/04/14).

As referências diretas à homeopatia parecem que podem ser creditas à participação na oficina. Já a referência à mudança nas percepções, a participação na oficina possivelmente pode ter contribuído para reforçar, pois a mudança certamente vem sendo processada por cada participante, com a mediação de diferentes processos vivenciados pelos mesmos.

Foi enfatizado pela ministrante da oficina o tratamento holístico da propriedade, ou seja, primeiramente se faz o uso do preparado do solo para harmonizar a propriedade como um todo. Pode-se dizer que a base para um sistema equilibrado advém de um solo saudável (CASALI, 2002; ANDRADE, 2004). Conforme a evolução no uso de químicos os solos estão geralmente contaminados por agrotóxicos e metais pesados utilizados há décadas, assim, o nódio do próprio contaminante pode facilitar o equilíbrio do sistema desintoxicando-o. Livre desses elementos o solo se prepara para produzir alimentos saudáveis próprios para uma conversão agroecológica.

Solos protegidos e sadios também geram água de qualidade, entretanto, o ideal seria que a água que circula pelo sistema também seja tratada.

O tratamento deve ser antecedido por anamnese do agroecossistema com a utilização da radiestesia e/ou com a ajuda de análise física e química do solo e da água. No caso das ong's existe a possibilidade de análise do solo através da Cromatografia de Pfeiffer, que já foi socializada em oficina anterior pelo Professor Sebastião Pinheiro²³. Após essa primeira etapa se for necessário pode-se corrigir desequilíbrios pontuais como, por exemplo, a atuação local danosa de algum inseto ou aracnídeo sobre uma planta, animal ou solo/água.

Entretanto, o que ocorre muitas vezes é que o agricultor sofre pressões das mais variadas a depender da produção, do mercado, políticas públicas e outros. Em uma conversão a propriedade necessita de um tempo que não é de uma safra ou do mercado, isso dificulta a adesão do agricultor. E se torna mais fácil se a renda do

²³ Sebastião Pinheiro é engenheiro agrônomo, engenheiro florestal e ex-analista do Laboratório de Resíduos de Agrotóxicos do Meio Ambiente, e funcionário do Núcleo de Economia Alternativa (NEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

agricultor não depende somente de uma cultura. São muitos os fatores como, por exemplo, visitas muito espaçadas, “now how” de práticas agrícolas, conhecimento sobre alternativas ao insumo químico, credibilidade com o agricultor, etc. que leva o extensionista muitas vezes a tentar solucionar os problemas com ações pontuais. Geralmente o agricultor lhe procura por causa de um problema específico e pretende receber uma resposta para tal. Assim, há momentos em que um tratamento holístico não será possível, pelo menos não naquele momento. Nesse caso, uma das alternativas é recorrer a nosódios pontuais e outras práticas alternativas que não danificam ainda mais o equilíbrio do agroecossistema.

Foram discutidas várias possibilidades de uso de nosódios além do solo o qual estava sendo colocado como o primordial para iniciar um tratamento homeopático holístico e sistêmico mais condizente com os princípios agroecológicos.

Conforme as entrevistas os agricultores tiveram maior facilidade em fazer a analogia com preparados a serem utilizados nos seus agroecossistemas. Como a utilização do nosódio para as formigas, para o solo, para ratos e outros. Dois extensionistas relacionaram com a infestação de cochonilhas nas palmas. Esses apresentaram interesse em desenvolver nas propriedades dos pais para depois tentar discutir com os agricultores. Os extensionistas em sua maioria entendem que se faz necessário um aprofundamento teórico e prático da Homeopatia para discutir com os agricultores.

“Eu ainda não pratiquei, a gente simulou algumas coisas ontem, mas eu preciso fazer eu mesma uma prática, ver os resultados para que possa estar levando isso com mais maturidade para as comunidades. A Homeopatia é uma coisa tão bacana, mas como ainda não tenho domínio, se eu chegar hoje na comunidade talvez posso mostrar um outro lado” (TC2, em 09/11/2013).

Embora tenham a consciência que precisam aprofundar o conhecimento para repassá-lo foi possível entender com as falas das entrevistas que a Homeopatia pode ser um meio para gerar autonomia para o (a) agricultor (a). A necessidade que os extensionistas entendem existir na agroecologia de gerar autonomia para o (a) agricultor(a) no uso de insumos nem sempre é visualizada, isto é, se perguntam: _ se deve gerar autonomia, mas como? Quais os meios e aportes para realizar isso? Para alguns entrevistados a Homeopatia é uma possibilidade, uma alternativa palpável para se alcançar a autonomia. Fica muito claro na fala da entrevistada TC4:

“A gente falou tanto daquela agricultura em que a gente tem que aproveitar os elementos que tem na propriedade, que a gente tem que potencializar isso. Que a gente

tem que, cada vez mais, ficar mais independente do mercado, e muitas vezes eu sentia essa dificuldade. Mas como eu vou potencializar isso? Eu acho que a Homeopatia veio para ajudar também, nesse sentido. Hoje eu já tenho uma noção melhor de como eu posso estar fazendo isso para estar aproveitando aquilo de lá mesmo, sem precisar estar tendo gastos, nem estar buscando fora” (TC4, em 09/11/2013).

E na fala do entrevistado EX1: *“De experimentar, de me aprofundar e também replicar isso. É uma coisa que eu já estou pensando aqui como replicar – mesmo que foi um primeiro momento – mas o simples fato de chegar a uma reunião de lideranças e dizer: olha tem a Homeopatia. A Homeopatia é isso, a gente pode fazer isso, isso é autonomia, isso é independência, é o que a gente busca. Então, com certeza a gente não vai parar por aqui” (EX1, em 23/02/14).*

Uma das metodologias utilizadas pelas entidades para se trabalhar a transição agroecológica consiste em experimentar no campo, são famílias agricultoras experimentadoras. O que permite uma relação completamente diferente daquela do extensionista convencional que vai até o (a) agricultor (a) levar uma tecnologia/técnica a ser implementada. Um extensionista colocou a importância de se começar o diálogo sobre a Homeopatia no meio rural com esses agricultores experimentadores que a seu ver estão *“mais abertos”*.

“E a gente já conhece alguns agricultores que são mais assim, intrigados, curiosos para saber, é nesses primeiros agricultores que a gente vai poder levar essas novidades. Pra gente é novidade, demais inclusive. Mas são esses agricultores experimentadores que a gente tem, são mais antigos, curiosos e mais abertos que a gente vai poder abordar aos poucos, é claro, mas os primeiros” (TS4, em 26/04/2014).

Outra atividade que compõe a metodologia dessas entidades são os intercâmbios, apontados pelos extensionistas como a atividade mais importante para a aprendizagem.

“Um dos instrumentos que o Sabiá tem para levar essa transição agroecológica são os chamados intercâmbios. O técnico não interfere em nada, o agricultor passa a linguagem dele para outra pessoa e tem esse convencimento, esse diálogo mais presente. Eu acho que é um dos principais instrumentos que a gente tem de levar essa transição agroecológica: os intercâmbios” (TS4, em 26/04/2014).

Nesse contexto, se mostra importante, no processo de socialização da Homeopatia no meio rural, os (as) agricultores (as) vivenciarem experiências em agroecossistemas que façam o uso da Homeopatia. De acordo com os extensionistas possibilitaria melhores resultados um (a) agricultor (a) dialogando com outro (a) de forma haver melhor entendimento e apreensão do conhecimento.

“Porque, às vezes, fica a gente tomando a frente e fazendo, aí o que é que eles dizem: ‘não, ele só faz isso porque mora na cidade’. E quando o agricultor mesmo fala pro agricultor, é diferente o impacto, é bem diferente” (TC2, em 09/11/2013).

“Se você chegar lá e dizer: - O senhor tem que plantar mandacaru! Ele não vai. Se eu tivesse no lugar dele, eu também não iria. Agora se você chega lá dentro de um contexto que você vai mostrando a realidade de outras pessoas, você vai mostrando exemplos, eu acho que não tem muita dificuldade de convencer não, até porque eu vejo muitas famílias agricultoras aqui da nossa região muito abertas. Elas querem conhecer, elas tem sede de aprender. Mesmo elas sabendo muita coisa também já. Elas também tem muita vontade de ensinar o que elas sabem” (TC4, em 09/11/2013).

Os relatos das entrevistas evidenciam o reconhecimento das limitações da atuação como técnicos(as) e de que a troca de informações e práticas de agricultor para agricultor pode reverberar de forma diferente, mais legítima. É possível afirmar com estas e outras falas citadas no estudo que há uma nova postura do extensionista rural, uma nova necessidade de atuação, muito mais como um(a) articulador(a), um animador(a) e sistematizador(a) do que um difusor(a) de tecnologia.

A Homeopatia para a transição agroecológica se mostra como uma ferramenta que dialoga bem com os princípios da agroecologia. Otimiza recursos naturais locais, reduz o uso de insumos externos, reconstitui ambientes inertes. A Homeopatia trabalha a favor da vida e seus ciclos e não contra (*anti*) a natureza. Algumas falas demonstraram que a percepção dos participantes vai de encontro a esse conceito:

“[...] pensando em números a agricultura convencional só degrada mais ainda. E com essas práticas tipo a Homeopatia, você além de estar salvando, você está usando o mesmo material da propriedade, onde o recurso vai ser mínimo” (TC2, em 09/11/2013).

Quando os extensionistas foram indagados sobre o possível uso da Homeopatia nos agroecossistemas que estão em conversão agroecológica as falas foram positivas, entretanto, entende-se que há a necessidade de aprofundamento do conteúdo.

“E aí, aquilo que eu achar que para mim, eu posso ter uma dificuldade maior, mas aí na equipe pode ter tido alguém que tenha menos, bem menos e a gente tá se ajudando. Eu acredito que não vai ter obstáculo não. Teria se a gente já fosse direto para a comunidade, colocar isso para o agricultor” (TC2, em 09/11/2013).

“Eu tenho vontade de aprofundar também, mas mais para multiplicar com os agricultores e agricultoras, do que para fazer. Porque assim, em função do trabalho, o tempo é muito curto para fazer. Mas eu acho que é importante pensar em estratégias, de propostas de formação, de capacitação e ação junto aos agricultores. Porque assim, apesar de na agroecologia a gente ter várias alternativas fitoterápicas para tratar algumas coisas, ainda existe muito desafio assim, com relação às doenças e os problemas que surgem na agricultura e aí eu acho que é algo a se começar a pensar por onde caminhar” (TS1, em 26/04/14).

“Eu acho que a Homeopatia é mais um elemento para mim, entendeu? Eu sou muito do tipo que eu não consigo dizer muito para as pessoas enquanto eu não tenho como mostrar para elas” (TC5, em 08/11/2013).

De fato, as falas durante as entrevistas permitiram supor que os entrevistados perceberam que a Homeopatia se apresenta como uma prática para a transição agroecológica. Muito embora, os extensionistas foram incisivos no fato de que precisam aprofundar o conhecimento para não abalar a confiança com o agricultor.

Alguns disseram que primeiro precisam testar nas propriedades dos familiares para depois estender aos agricultores. Um extensionista disse que seria interessante testar nas propriedades dos agricultores que estavam em conversão há mais tempo, como se pode notar na fala desse entrevistado:

“[...] mas são esses agricultores experimentadores que a gente tem, são mais antigos, curiosos e mais abertos que a gente vai poder abordar aos poucos, é claro” (TS4, em 26/04/2014).

Alguns agricultores Xukuru deram ao entender que iriam esperar um suporte do extensionista para as ações. Isso demonstra a relação de confiança que se estabelece entre extensionista e agricultor, muito embora também represente certa dependência no uso de novas práticas.

“O que mais me chamou atenção foi esses preparinhos que tem o Ch1, CH2, que eu preparei, eu achei muito interessante e importante. Foi eu gostei bastante, inclusive vou tentar fazer junto com Iran e com a turma aqui pra incentivar, pra que ninguém não deixe só no papel, não é?” (AX5, em 23/02/14).

Os extensionistas têm o entendimento que a transição agroecológica se dá devagar e aos poucos. Houve relatos de quanto mais desprovida está a propriedade de recursos naturais e a família de recursos econômicos há maior interesse em discutir sobre a abordagem da agroecologia.

Um novo aprendizado mesmo que esteja intrínseco aos princípios da agroecologia requer cuidado, o respeito a cultura local, e responsabilidade sócio ambiental. Não se trata de uma difusão de tecnologia, mas a discussão de um olhar sobre a terra e os povos da terra. Principalmente por se tratar de algo ainda não compreendido no âmbito do senso comum como a energia que é algo que não se vê e não se pode pegar, portanto subjetivo e muitas vezes até intrínseco a referencia religiosa das pessoas. Portanto o desafio é como dialogar com as pessoas de diversas crenças e culturas essa informação. Sabendo que há o interesse e a necessidade de se socializar essa informação. Quem sabe aprofundar no estudo do significado da palavra, a

semântica, a essência do significado para propor uma metodologia que facilite a transmissão da informação de forma prazerosa e dialógica.

Neste capítulo, apresentamos algumas falas das entrevistas semiestruturadas e as discussões levantadas que parecem, então, ter traduzido os elementos orientados pelas questões do problema de pesquisa e seus objetivos.

CONCLUSÃO

Uma sociedade em crise pode ser uma sociedade cheia de possibilidades e avanços. Aqui se fala em avanços morais, éticos, espirituais e também tecnológicos. Avanços que vão ao encontro com o que se tem de mais belo e perfeito: a natureza. Deixa-se para trás a exploração da mãe que tudo dá sem exigir nada em troca. Deixa-se para trás o domínio do homem pelo homem, a ideia de raças, o desrespeito as diversidades e as conexões simples para respostas rápidas.

O universo, o macrocosmo, e o homem, o microcosmo, são constituídos dos mesmos elementos, contem a mesma sabedoria. Cada vez mais se abre a consciência coletiva para a ideia de um único organismo. É nesse movimento que a Homeopatia, ciência holística e sistêmica, aplicável aos conceitos ecológicos de manejo de agorecossistemas tem muito a contribuir na evolução para uma agricultura mais sustentável.

A Homeopatia no meio rural está sendo experimentada no Brasil e no mundo. Embora em Pernambuco ainda se encontre insipiente a pesquisa pretendeu explorar o entendimento de extensionistas e agricultores para a ciência e a prática homeopática. O primeiro passo foi dado e dele foi extraído aprendizados que devem ser aprofundados. E principalmente experimentados, pois a HMR está sendo construída por agricultores e agricultoras experimentadores que com muita sobriedade e discernimento estão em busca de encontrar formas para o manejo ecológico.

Juntamente com esses agricultores, pesquisadores e profissionais que estão inseridos no contexto do campo estão movimentando conhecimentos mais dinâmicos e pertinentes a “ecologização” da agricultura.

A escolha de a pesquisa ser realizada primeiramente com extensionistas se deu pelo entendimento de que o extensionista é a ponte entre o universo externo e o agricultor. Também pelo fato de assistirem uma grande quantidade de famílias em processo de transição agroecológica. O que poderia ampliar a posterior socialização do conteúdo. Entretanto o estudo apontou algumas complexidades nessa relação agricultor/extensionista rural que podem dificultar a socialização. Algumas falas dos entrevistados apontam para um possível distanciamento na relação com o agricultor, que por mais

horizontal que seja, fica claro que nem sempre suas considerações são acatadas pelos agricultores.

Ficou evidente que os extensionistas do universo da pesquisa estão comprometidos em contribuir no processo de transição dos agricultores (as) de forma crítica e conceitual visando à construção de alternativas. Mas embora estejam em organizações que de fato têm uma proposta agroecológica e assim a executam, algumas falas direcionam para um apontamento referente a um “tarefismo” para atingir metas estipuladas pelos financiadores dos projetos o que dificulta a proposição de novas práticas. Outro apontamento está em receberem uma grande quantidade de famílias para assistir, o que parece restar pouco ou nenhum tempo para experimentar as técnicas e tecnologias agroecológicas. Embora sejam filhos de agricultores com íntima relação com a terra e interesse pela experimentação.

De certo, a relação agricultor e extensionista possui um histórico complexo desde sua origem que vem sendo discutida por autores como Francisco Caporal, Costabeber, e outros. Contudo, embora não seja objetivo, o estudo mostrou que se o extensionista praticasse as diferentes formas de manejo e técnicas/tecnologias agroecológicas que tem acesso, que não necessitam de insumos externos dispendiosos, possivelmente traria maior segurança no diálogo com o (a) agricultor (a). Consequentemente contribuiria para a geração de autonomia e empoderamento do agricultor (a) que almeja a transição agroecológica.

Os agricultores Xukuru possuem outra relação com o extensionista talvez pelo fato deste ser uma liderança Xukuru. Além do respeito pela liderança, experimentam junto a ele práticas ecológicas e buscam o resgate da tradição indígena Xukuru.

Embora sejam dois universos distintos foi possível encontrar convergências na análise como também diferenças principalmente no entendimento da Ciência Homeopática.

Retomando as questões norteadoras da pesquisa que foram: como extensionistas e agricultores (as) que dialogam com a agroecologia e que estão lidando na prática com processos materialmente construídos veem a Homeopatia? Como concebem sua aplicação na agricultura? E retomando os objetivos da pesquisa, quais sejam: a) Caracterizar a homeopática como um recurso que pode favorecer o desenvolvimento da agricultura num contexto de transição agroecológica; b) Analisar depoimentos de extensionistas e agricultores em torno da utilização da homeopatia no meio rural em transição agroecológica, conclui-se que:

A pesquisa conseguiu cumprir o objetivo de verificar se a Homeopatia no meio rural pode ser uma prática de manejo para o processo de transição agroecológica no estado de Pernambuco. Mostrou-se viável conforme relatos dos próprios entrevistados. Também houve relatos de um entendimento mais profundo e filosófico da ciência e da forma que a ciência interpreta e atua no meio.

Mas, para ser efetivado o uso da HMR seria necessário um trabalho longo e contínuo. Primeiramente seria necessário o entendimento das instituições como um todo dos benefícios da homeopatia na transição agroecológica. Uma estratégia da Homeopatia ser socializada seria as instituições promoverem intercâmbios das famílias assistidas que estão em processo de transição agroecológica à agricultores que já possuem sistemática de experimentação e resultados. Ou ainda animar agricultores potenciais para iniciar experimentos. Os agricultores (as) indígenas que aparentaram maior afinidade com a energia sutil utilizada na Homeopatia, mostraram que, como os extensionistas, necessitam de acompanhamento e animação no processo de utilização da HMR. Apesar de ser simples o feitiço e uso do medicamento a homeopatia é uma ciência complexa o que torna importante o entendimento de seus princípios que consistem, de fato, em quebra de paradigmas. Alguns relataram que o pouco que viram sobre a homeopatia foi possível aprimorar o olhar para o manejo do agroecossistema. Pode-se até concluir conforme relatos, que a Homeopatia é uma filosofia de vida.

Outra questão que foi perguntada aos entrevistados foi sobre o cenário na agricultura no Brasil e como veem a transição agroecológica. Existe o entendimento de que o cenário da agricultura no contexto Brasil é pouco promissor se continuar seguindo o modelo do agronegócio, mas que no alcance de suas experiências a agroecologia vem fazendo a diferença. Os entrevistados acreditam no processo de transição agroecológica e o estão vivenciando. Muitos entendem que é um trabalho árduo pela concorrência com o agronegócio, mas sabem que a agroecologia é a agricultura que pode transformar as vidas dos agricultores e agricultoras, sobretudo no semiárido. Mas apresentam insegurança quanto ao tempo que levará para a transição acontecer, e o enorme esforço que será despendido para tal.

Outro ponto importante para responder a questão principal do estudo foi discernir a Homeopatia de outras práticas. Os extensionistas e agricultores tinham contato com a fitoterapia o que necessitou de uma explicação das diferenças entre tais práticas e suas especificidades. Tentou se mostrar que a homeopatia é única e tem

grande valor no trato do agroecossistema em transição. Primeiramente, por substituir os insumos químicos, segundo por reduzir quase que infinitamente o uso dos recursos naturais locais, e por permitir autonomia aos agricultores (as).

Foi discutido que a HMR é inerente aos três níveis da transição agroecológica. Os participantes compreenderam que a homeopatia contribui para a racionalização do uso de insumos. Conforme a lei das doses mínimas a quantidade de matéria prima para o feitiço dos preparados homeopáticos é muito pequena e também podem ser aplicados em quantidades decrescentes até o equilíbrio do sistema. Foi ilustrado com o experimento mencionado no capítulo 2 vivenciado por criadores de gado em Goiás no manejo de carrapatos onde primeiramente foi utilizada como referência a sistemática da Cartilha de Homeopatia, que sugere administrar o nosódio ininterruptamente ao gado. Mas os experimentadores após observações passaram a administrar somente quando houvesse nova infestação. Isso porque o parasita possui passagem de seu ciclo de vida pelo pasto o que dificulta sua erradicação, necessitaria o tratamento do solo. Houve de fato, a diminuição da aplicação do medicamento. A homeopatia contribui também para a substituição de insumos. O que também pôde ser exemplificado com a mesma pesquisa mencionada que trás o resultado inferior para o sistema que alternou o uso do preparado homeopático com Ivermectina. Os participantes também tiveram entendimento que o uso da Homeopatia aumenta a complexidade do sistema e a diversidade biótica necessária ao conjunto novo de processos ecológicos através de outros exemplos de uso de nosódio de plantas espontâneas ao solo que não foram sistematizadas na pesquisa, mas foram mencionadas na oficina.

Assim, entende-se que houve certa compreensão sobre o potencial que a Homeopatia tem para quebrar os ciclos curtos de uso de materiais gerados pelos agroquímicos, para reduzir o uso intensivo de recursos naturais e, aumentar a complexidade ao agroecossistema. Fatores que dialogam com os níveis da transição agroecológica.

Embora, o tempo para o diálogo tenha sido curto, foi importante observar o interesse e a afinidade dos participantes com o conteúdo abordado. São pessoas que apesar de não conhecer a Homeopatia possuem certa empatia para o entendimento da ciência. Poder-se-ia dizer que estão na frequência dessa abordagem.

REFERENCIAS

- ALMEIDA, A. A. et al. **Tratamentos homeopáticos e densidade populacional de *Spodoptera frugiperda* (J. e Smith,1797) (Lepdóptera: Noctuidae) em plantas de milho no campo.** Revista Brasileira de Milhoe Sorgo, v.2, n.2, p.1-8. 2003.
- ALTIERI, M. A. **Agroecology: the science of sustainable agriculture.** 2nd ed. Boulder, Colo: Westview Press, 1995.
- ANDRADE, F. C. **Alterações da vitalidade do solo com o uso de preparados homeopáticos.** Tese de Doutorado Departamento de Fitotecnia, UFV, 2004.
- ARRAIS, R. **O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX.** São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2004.
- ARRAIS, R. **O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX.** São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2004.
- ARRUDA, V. M. et.al. **Homeopatia Tri-Una na Agronomia.** Viçosa-MG, 2005, 120 p.
- ATHIAS, R. et al. **Povos indígenas de Pernambuco: identidade, diversidade e conflito.** Organizador Renato Athias. Ed. Universitária da UFPE, 2007. 242 p.
- BARBOSA NETO, R. M. **Bases da Homeopatia.** Campinas: UNICAMP, 2006, 70p.
- BONATO, C. M.; SILVA, E. P. **Effect of the homeopathic solution Sulphur on the growth and productivity of radich.** Acta Scientiarum. Agronomy. v. 25, n. 2, 2003. p. 259-263.
- CAPORAL, F. R.. **Superando a Revolução Verde: A transição agroecológica no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.** Santa Maria-RS, março de 2003.
- CAPORAL, F. R.. **Agroecologia não é um tipo de agricultura alternativa.** MDA-SAF-DATE. Brasília, DF, 21/11/2005.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos seres vivos.** São Paulo: Cultrix, 2006. 256 p.
- CAPRA, R. S. **Efeito dos Preparados Homeopáticos e do ambiente de cultivo na produção de flavonoides e saponinas por plantas de carqueja.** UFV- MG, 2011. 64 pg.

CASALI, V. W. D.; CASTRO, D. M.; ANDRADE, F. M. C. **Pesquisa sobre Homeopatia em plantas**. In: Seminário Brasileiro Sobre Homeopatia Na Agropecuária Orgânica, 3., Campinas do Sul, 2002. Anais. Viçosa: UFV, 2002. p.16-25.

CASALI, V. W. et al. **Homeopatia Bases e Princípios**. Viçosa, MG., 2006, 150 p..

COELHO, F. M. G. et al. **Ambiente, Homeopatia e metodologias participativas**. Viçosa: UFV, 2002. Disponível em: http://anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/gt/sustentabilidade_risco/COELHO%20France%20Maria%20Gontijo.pdf . Acessado em: 05/12/2013.

COSTABEBER, A.J. **Transição Agroecológica: Rumo a sustentabilidade**. Revista Agroculturas . v. 3 n° 3. pg. 2006.
CRUZ, I.; WAQUEL, J. M.; VIANA, P. A. **Cultivo do Milho Pragas de fase vegetativa e produtiva**. EMBRAPA, 2000. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Milho/CultivodoMilho/prvegetativa.htm>, Acessado em: 01/09/2013.

FAGUNDES, E. M. M. **Retalhos homeopáticos**. Vol 1., 3 ed. Ver., ampl. e atual. Ed. Hipocrática –Hahnemanniana. Belo Horizonte 216 p...

FARIAS, R. G. F. **As artes de curar o mal do Ganges no Brasil Imperial**. In: XXIV Simpósio Nacional de História. Associação Nacional de História – ANPUH, 2007.

FONSECA, M. T. L. da. **A Extensão Rural no Brasil: um pesquisa educativo para o capital**. São Paulo, Ed. Loyola, Coleção popular n° 3, 1985. 192 p.

FREIRE, P. **Comunicação ou extensão?** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

GLIESSMAN, S. R. **A Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável**. Segunda edição. Ed: Universidade. UFRGS, 2001.

GONDIM, S.M.G. **Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa. Desafios Metodológicos**. Paidéia, UEB, 2003.

HAHNEMANN, S. **Exposição da Doutrina Homeopática, ou, Organon da Arte de Curar**. Tradução: David Castro, Rezende Filho, Kamil Curi | - São Paulo: GEHSP “Benoit Mure”. Traduzido da 6ª Ed. Alemã, 5ª Ed. Brasileira, 2013.

IPEA. **Aspectos Multidimensionais da Agricultura Brasileira. Diferentes Visões do Censo Agropecuário 2006**. Organizadores: Sergio Schineider, Brancolina Ferreira e Fabio Alves. – Brasília: Ipea, 387 p., 2014.

KALILI, A. El. **Uma Análise Crítica da Economia Verde**. In: 32º Fórum Brasilianas, 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TPuobTYBMsk>. Acessado em: 22/03/2014.

KHAN, K.K.; CHANDRA, S.. **Control of tomato fruit rot caused by *Fusarium roseum* with homeopathic drugs**. In: Indian Phytopathology, v. 29, p. 269-272, 1976.

- LISBOA, S. P.; et.al. **Nova visão dos organismos vivos e o equilíbrio pela Homeopatia**. Viçosa – MG, 2005, 104 p..
- LOBÃO, A. O. **Ciência e filosofia homeopática: pela história de seu fundador**. in: VIII Seminário sobre Ciências básicas em Homeopatia, 8, 2007, Lages, Anais... Lages: CAV/UDESC; EPAGRI, 2007. 13 - 15p.
- LITTLE, Paul E. **Etnodesenvolvimento local: autonomia cultural na era do neoliberalismo global**. Revista Tellus, ano 2, n 3, p. 33-52, out 2002. Campo Grande-MS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/693.pdf>. Acessado em: 17/01/2013.
- LORENZETTI, E.R. **AgroHomeopatia, uma nova ferramenta ao alcance do agricultor**. Disponível em : <http://medholos.blogspot.com.br/2014/04/Homeopatia-aplicada-pratica-agricula.html> . Acessado em: **05/08/2014**.
- MANZINI, E.J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v.26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- MOREIRA, M. R.; CARMO, M. S.. **Agroecologia na Construção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. In: Agric. São Paulo, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 37-56, jul./dez. 2004.
- MORENO, J.A. **Organon da Arte de Curar de Samuel Hahnemann**. 2º ED. Editora Hipocrática Hannemanniana, Belo Hprizonte, 2002, 435 p.
- RESENDE, J.M. **Caderno de Homeopatia**. Instruções e práticas geradas por agricultores sobre o uso da Homeopatia no meio rural. 3 ed., 2009, UFV, Viçosa-MG.
- MÜLLER, S. F.; TOLEDO, M. V. **Homeopatia na produção de tomate em cultivo protegido**. In: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Porto Alegre/RS , 25 a 28/11/2013. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol 8, No. 2, Nov 2013.
- NECHAR, R. M. C. **A Complexidade no ensino da Homeopatia**. 2009. 117 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.
- PINTO, E.S.L. **A Extensão Rural no Brasil**. Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica, vols. 5 e 6, p.35, 2008-2009.
- ROEGEN, N.G. **O Decrescimento. Entropia. Ecologia. Economia**. Organização: Jacques Grinevald & Ivo Rens. Ed: Senac. São Paulo, 2002.
- ROLIM, P.R.R.; TÖFOLI J.G.; DOMINGUES, R. J. **Preparados homeopáticos em tratamento pós-colheita de tomate**. Disponível em: http://www.cesaho.com.br/biblioteca_virtual/livro.aspx?l=37 – Inserido em 07/07/2011. Acessado em: 30/02/2014.
- VANDERLEI, C. E. D. **A Homeopatia numa perspectiva sistêmica: contribuições da saúde para o desenvolvimento local sustentável**. Tese Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco – FCAP/UPE, Recife 2010 p. 59.

VITHOULKAS, G. **Homeopatia: Ciência e Cura**. São Paulo, SP, Cultrix Ed, 1980, 463p.

VIOLANTE, I. M. P. **Saúde/Doença**. Disciplina Homeopatia. Universidade de Cuiabá. Disponível em:

<http://grupomedicina.files.wordpress.com/2011/08/processo-sac3bade-doenc3a7a-doenc3a7as-agudas.pdf> acessado em: 19/08/2014.

APÊNDICES

Apêndice A

PLANO DE OFICINA

	Conteúdo	Situação didática	Recursos didáticos	Indicadores de Desempenho	Avaliação
8:30	Apresentação e troca de experiência				
8:50	Palavras ligadas a Homeopatia	Exposição pré-conceitos	Tarjeta	Identificar conhecimento prévio	Participação do Aluno
9:10	Conceito e Princípios -Homeopatia e -Homeopatia no meio rural Entrega do Caderno de Homeopatia	Exposição dialogada	Data Show	Debater sobre princípios e conceitos da Homeopatia	Participação do Aluno
10:30	Intervalo				
11:00	O que não dá pra entender/aceitar/compreender. Preciso entender melhor. Mudou meu pensamento.	Formulação do conceito	Tarjetas coloridas Verm Amar Azul	itens descritos nas tarjetas	Debates em sala de aula
12:00	Almoço				
13:30	Retorno da facilitadora as questões mais relevantes das tarjetas				
14:00	Retomada das palavras ligadas à Homeopatia	Exposição dos pós-conceitos	1ª Tarjeta	Identificar o câmbio dos conceitos	Participação do Aluno
14:30	Preparo homeopático	Prática	Feitio do Preparado		Participação do Aluno
15:40	Levantamento de possíveis tratamentos	Dialógica	Conversação	As questões levantadas pelos participantes	Participação do Aluno
16:40	Encerramento				

MATERIAIS

- Cartolina; Verde, verm, amarela e azul.
- Vidro âmbar 200 ml;
- Vidros âmbar 30 ml;
- álcool 70%;

Apêndice B

PERGUNTAS NORTEADORAS PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Local entrevista:	Data:				
Nome:					
Faixa etária	() 20 – 25	() 26 – 30	() 31 – 35	() 36 – 40	() + de 40
Formação:	Ano término:				
Local formação:					
Instituição que trabalha:	Tempo de instituição:				
Cargo:					

- a) Já tinha ouvido falar em Homeopatia?
- b) Conhece alguém que usa ou usou Homeopatia?
- c) Já tinha ouvido falar em Homeopatia no meio rural?
- d) Conheceu alguma experiência ou alguém que experimentou Homeopatia no meio rural?
- e) O que mais te chamou a atenção na vivência?
- f) O que menos lhe agradou?
- g) O que foi mais difícil de entender?
- h) O que fica pra você como indivíduo?
- i) E para você extensionista?
- j) Tens vontade de aprofundar o conhecimento?
- k) E de experimentar?
 - Em caso de disposição favorável, o que pode facilitar?
 - E o que pode dificultar?
 - Em caso de disposição não favorável, por quê?
- l) Algo mudou em sua concepção de manejo ecológico do agrossistema após a vivência com a Homeopatia?
- m) Como você entende o momento atual da agricultura no Brasil?

Apêndice C

Fotos das Oficinas

Centro Sabiá

Oficina parte prática – explicação de como fazer o nosódio



Fazendo o preparado com as próprias mãos



Povo Xukuru



Coleta solo



Preparando o nosódio



CAATINGA

Oficina parte teórica

